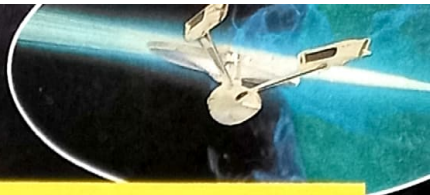
JORNADA NAS ESTRELAS VI
A Última Viagem da Enterprise



SET
CINEMA & VÍDEO

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

56330001 — Ed. 56 — Ano VI N.º 02 — Cr$ 5.300,00

ENTREVISTA
DUSTIN HOFFMAN
ROBIN WILLIAMS
JULIA ROBERTS
STEVEN SPIELBERG

VÍDEO
UM ESTRANHO NO NINHO
LOUCOS DE PAIXÃO
PEGGY SUE
E os Lançamentos do Mês

HOOK
Dustin Hoffman É o Capitão Gancho
na Nova Produção de Steven Spielberg

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO

Digital Audio & Video

AIWA®

2-11, Ikenohata 1 - chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

Central de Atendimento ao Consumidor
Fone: (011) 815-9144
Rede Nacional de Assistência Técnica

iferença Digital

ogia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS

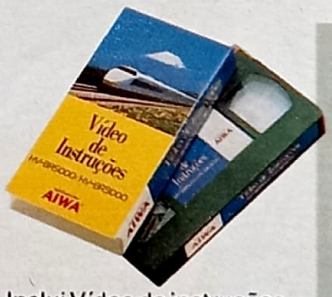
M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS

M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)



Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Sygma

O triângulo não é o do filme, mas as mulheres que se cuidem

- Caninos à mostra: estão vindo aí *Os Garotos Perdidos II*, a seqüência do vampirismo *teen* de 1987, e a versão de *Entrevista com o Vampiro*, o primeiro volume da trilogia de grande sucesso da novelista americana Anne Rice. John Travolta foi escalado para encarnar o vampiro Lestat no século XX.
- Jack Nicholson e Danny DeVito juntos? Os dois são completamente diferentes, mas essa combinação pode resultar em alguma coisa interessante. Eles contracenam em *Hoffa*. Na direção, o pequeno DeVito.

Lisson Gamma Sigla

De agente Cooper a caipira é um passo

SHEIK ESPANHOL

SÓ DÁ BANDERAS

Antonio Banderas, na foto com seu "Criador" **Almodóvar** e **Vitoria Abril**, vai encarnar o maior mito masculino que o cinema mudo criou: Rodolfo Valentino. *Hollywood Zen* será o título da nova produção que terá na direção o ousadíssimo Nagisa Oshima, de *O Império dos Sentidos*. Ryuichi Sakamoto e Joan Chen formarão com Banderas um caprichado triângulo amoroso.

ADIVINHE QUEM

KYLE, DA CAPITINGA

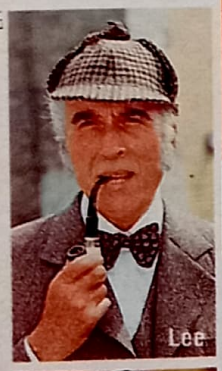
Não, o caipirão sentado ao lado da atriz **Piper Laurie** não é nenhum aluno novo da "Escolinha". É ninguém menos que **Kyle MacLachlan**, o agente Cooper de *Twin Peaks*. A dupla está ornamentada para *Rich in Love*, o novo filme de Bruce Beresford, o diretor oscarizado por *Conduzindo Miss Daisy*.

DUBLAGEM

FALSA VOZ DE ESTRELA

Nomes famosos do cinema tiveram suas vozes dubladas em produções conhecidas. Veja alguns exemplos.

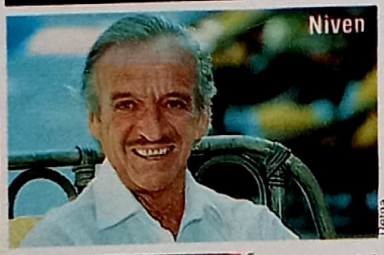
- Christopher Lee: *Sherlock Holmes and the Deadly Necklace* (1962) foi rodado na Alemanha e teve suas falas dubladas em alemão. Para o lançamento do filme em inglês, o ator foi redublado por um profissional desconhecido.
- Arnold Schwarzenegger: em *Hercules in New York* (ou *Hercules Goes Bananas*, 1970) o jovem Arnie chamava-se Arnold Strong. Os músculos são dele mesmo, mas a voz, não.
- Mel Gibson: dublado em *Mad Max* (1979), os americanos não entenderam o sotaque australiano de Mel. Em *Mad Max II*, o astro, já famoso, defendeu sua própria voz.
- David Niven: o inglês não pôde usar a sua voz em *A Trilha da Pantera Cor-de-Rosa* (1982) e *A Vingança da Pantera Cor-de-Rosa* (1983) por causa de um tumor na garganta. Rich Little, um dublador, garantiu-lhe a pronúncia britânica.
- Andie MacDowell: o diretor Hugh Hudson, de *Greystoke, A Lenda de Tarzan* (1984), não gostou do sotaque sulista da atriz e deu a voz para Glenn Close. Inexplicavelmente, o Tarzan permaneceu com o indisfarçável acento francês.



Lee

Columbia Tri-Star

Schwarzenegger



Niven

Retna

Gibson

Warner

Retna

Andie

DOMÉSTICA

DOS PORNÔS ÀS COMÉDIAS

Ela começou a carreira cinematográfica cometendo "pecados" e deliciando tarados em películas pornográficas. Ela é Traci Lords, que agora está investindo fundo nos filmes sérios. Depois de *Cry Baby*, Traci agora põe seus dotes físicos à disposição em *The Nutty Nut*, uma comédia alucinada sobre um milionário esquizofrênico que sofre de dupla personalidade. Traci Lords faz uma empregadinha gostosa. Alias, tá na cara.

Traci Lords

NINHADA

PAIS PARA TODA OBRA

1 — Martha Plimpton, filha de Keith Carradine
2 — Jamie Lee Curtis, filha de Tony Curtis e Janet Leigh
3 — Laura Dern, filha de Diane Ladd
4 — Bridget Fonda, filha de Peter Fonda
5 — Jennifer Jason Leigh, filha de Vic Morrow
6 — Kiefer Sutherland, filho de Donald Sutherland
7 — Jason Connery, filho de Sean Connery
8 — Nicolas Cage, que é apenas sobrinho de Francis Ford Coppola
9 — Robert Downey Jr., filho do diretor *underground* Robert Downey Sr.
10 — Charlie Sheen, filho de Martin Sheen
11 — Melanie Griffith, filha de Tippi Hedren
12 — Campbell Scott, filho de George C. Scott
13 — Emilio Esteves, o outro filho de Martin Sheen

Columbia Tri-Star

Retna

London Features — LFI

Sergio Berezovsky

Retna

Columbia Tri-Star

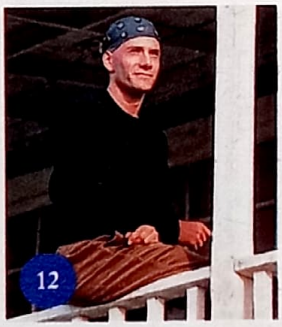
London Features — LFI

Retna

Columbia Tri-Star

Warner

Stills



London Features — LFI

BACIADA

INCORPORE SEU ÍDOLO

Parte da indústria da diversão dos Estados Unidos pode estar em recessão, mas boas idéias sempre fazem sucesso. Pelo preço de uma dúzia de *brazilian bananas* podem-se comprar máscaras aterradoras. Por pouco mais de 20 dólares, o fã de cinema mais radical vai poder mirar-se no espelho e se reconhecer com o ar delicado de Freddy Krueger, com a lataria descarnada do Meio Schwarzie/Meio Cyborg, com o aspecto maléfico de Chucky, o Boneco Assassino, ou com a cara desmiolada de Woody Allen. A escolha é sua.

A preço de banana, máscaras para várias finalidades

QUADRINHOS

FIGURINHAS EM CARNE E OSSO

- Mesmo depois do relativo fracasso de *Dick Tracy* (a ousadia cromática dos estúdios Disney), os produtores continuam apostando na adaptação de histórias em quadrinhos.
- A Sony Pictures, ex-Columbia, quer dar o projeto do longa *Homem-Aranha* para James Cameron dirigir. O estúdio quer recriar ainda no cinema o príncipe africano *Pantera Negra*.
- *Dennis, O Travesso*, o Pimentinha, está na agenda da Warner e de John Hughes, o produtor de *Esqueceram de Mim*.
- A Warner vai filmar também *Riquinho*. Macaulay Culkin quer quatro milhões de dólares para interpretar o garoto mimado.
- A Amblin de Steven Spielberg quer fazer *Gasparzinho, O Fantasminha Camarada*, com ajuda da Universal.
- A mesma Universal quer bancar sozinha dois projetos para o pato bobalhão *Huguinho*. Um longa e um curta de oito minutos.

Paris

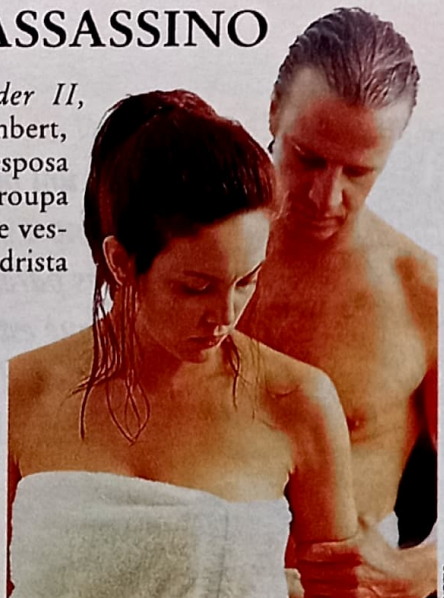
"Ser um ator hoje não tem nada a ver com talento. Tom Cruise, Eddie Murphy, Stallone, Schwarzenegger e Kevin Costner são a maior prova disso"

MICKEY ROURKE

TARZAN E JANE

XADREZ ASSASSINO

Depois de *Highlander II*, Christopher Lambert, acompanhado da esposa Diane Lane, tira a roupa de guerreiro imortal e veste a camisa de enxadrista em *Knight Moves*, de Carl Schenkel. Neste thriller, Lambert é um campeão de xadrez que testemunha uma série de assassinatos durante um importante torneio.



Sygma

Lambert e a esposa Diane: de Tarzan a enxadrista perseguido

VIDEOTECA

CENAS QUE NÃO ESQUEÇO

José L. Fagiolo

RUY CASTRO, 43 anos, jornalista e escritor, autor de *Chega de Saudade* e *O Melhor do Mau Humor*. "Gosto muito da cena do beijo entre John Wayne e Maureen O'Hara em *Depois do Vendaval* (Republic). Outra seqüência maravilhosa está em *Um Corpo que Cai* (CIC), quando Hitchcock passa a perna no Código Hayes, que proibia tomadas de beijos de mais de quinze segundos, e filmou o beijo entre James Stewart e Kim Novak, já perto do final do filme, de vários ângulos. Esses momentos são de pura perfeição do cinema, nos quais os personagens, ao invés de metralhar 500 homens, se apaixonam e se beijam."

Jorge Cysne

SUZY REGO, 24 anos, atriz. "Há cenas que me marcaram muito pelo lado do romantismo, da aventura e da fantasia. Em *Entre Dois Amores* (CIC) tem uma cena fantástica com Robert Redford e Meryl Streep, quando eles estão fazendo um piquenique no meio do matagal. E tem também a fantasia de *Ghost* (CIC), quando Swayze morre e olha para ele mesmo, meio sem acreditar que era verdade que tinha morrido."

ANGELI, 35 anos, cartunista. "Eu me lembro de muitas cenas que me impressionaram de uma forma ou de outra, sem grandes análises. *Em Repo Man — A Onda Punk* (CIC), de Alex Cox, a cena de levitação do carro sobre a cidade lembra muito histórias em quadrinhos. Também gosto de cenas estranhas, como quando o amante do dramaturgo inglês Joe Orton (Gary Oldman) o mata a machadadas, em *O Amor Não Tem Sexo* (DIF)."

Luizinho Coruja

OLHO VIVO

O FURO DE *ALIENS*

Melhores que os "efeitos especiais" dos filmes de ficção são os "defeitos especiais". Rodrigo Maia Manique, do Rio de Janeiro, RJ; Robson Eduardo C. Medeiros, de Natal, RN; Juliano Stringari, de Rio do Sul, SC; Paulo Eduardo Cayger, de Campo Bom, RS; e João Ramalho Todos Os Santos, de São Paulo, SP, não fizeram vista grossa para *Aliens — O Resgate* (Abril Vídeo). Na parte final do filme, o andróide Bishop (Lance Henriksen) é parcialmente destruído pela mamãe Alien — tem somente a parte superior do tronco — e segura a garota Newt (Carrie Henn). Nesse momento, percebe-se com perfeição o corpo do ator saindo de um buraco no chão. O maior "furo" da produção...

Ivan Carneiro/Azul

INTERVALO

JEAN-CLAUDE VAN DAMME

London Features

Ator de *Leão Branco* e *Garantia de Morte*

De onde veio a idéia para seu último filme, *Duplo Impacto*?
Como em todos os meus filmes, a idéia é minha, pelo menos em parte. Eu estava meio cheio de sempre fazer papéis machões. Então, eu queria fazer algo diferente. Queria mostrar dois Van Damme diferentes. Mas a idéia em si não é minha — é de Alexandre Dumas, que escreveu *O Irmão Corso*. Uma história clássica de irmãos que não se conhecem. Nós trouxemos a história para os anos 90.

Significa que você tem planos para expandir sua carreira além do gênero ação?
Eu adoraria. Eu sei que construí minha carreira em filmes de ação, e sou grato por ter tido tanta sorte.

Schwarzenegger está investindo na comédia. Seria essa também sua área de predileção?
Eu adoraria fazer uma comédia. Eu sou uma pessoa naturalmente engraçada. Adoraria fazer uma comédia romântica. Sei que as garotas adorariam me ver num papel romântico, com muita paixão e humor também.

Por quê?
Porque eu sou musculoso, mas não exageradamente. Sou baixinho, engraçadinho, fofinho. Sou do tipo frágil, vulnerável, que as garotas adoram proteger. Acho que não existem mais galãs fortes, viris, mas vulneráveis, como Steve McQueen e Jean-Paul Belmondo.

A comédia romântica também não seria uma saída porque o gênero ação está ficando superlotado, ultracompetitivo?
Não, não acho. Desde *Spartacus* e *Ben Hur* existe essa competição. Fico feliz por Arnold estar fazendo tanto sucesso, tanto dinheiro. Fico feliz por o *Exterminador 2* ter feito centenas de milhões de dólares.

Seu próximo filme será ação ou comédia?
Tenho uma dúzia de projetos em andamento, mas o primeiro deles, *Universal Soldiers*, é um filme de ação bastante espetacular, com Dolph Lundgren. É sobre um grupo de cinco soldados, meio homens, meio máquinas. Eu sou o único que se rebela e quer ser um homem de verdade.

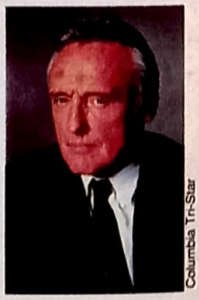
Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

ZOOM ZOOM ZOOM

- **A história mais recontada pelo cinema foi *Cinderella*. Desenhos animados, balé e produções paródicas e pornográficas somam 84 versões.**
- ***Hamlet* já apareceu nas telas 58 vezes. Treze foram paródias.**
- ***Carmen* teve 56 versões cinematográficas da história de Prosper Merimeé e da ópera de Bizet.**
- **O mais longo intervalo entre um remake e seu original com o mesmo ator fazendo o mesmo papel é de 34 anos. Tito Lusiardo trabalhou em *The Day You Leave Me* em 1935, nos Estados Unidos, e em 1969, na Argentina.**

Fonte: *The Guinness Book of Movie*

"Eu sou um pouco insano e odeio meus parentes. Acho que estou a um passo de ser um serial killer"



Columbia Tri-Star

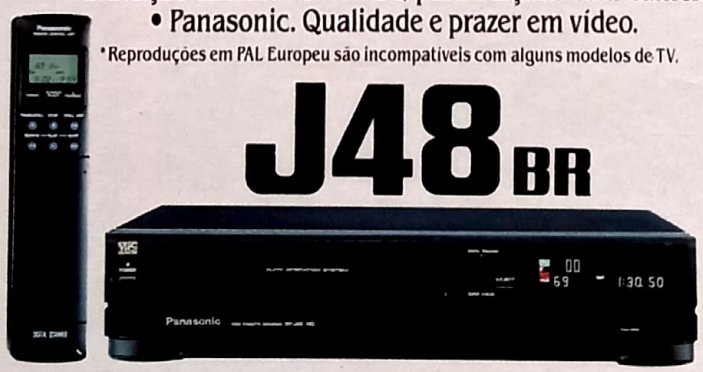
DENNIS HOPPER, sobre sua tendência em incorporar personagens psicóticos

EM CARTAZ: O MUNDO!

Veja o que está chegando com o novo vídeo Panasonic:

- Reprodução de fitas em PAL-M, NTSC e PAL Europeu*
- Gravação também em NTSC, para edições com câmeras.
- Panasonic. Qualidade e prazer em vídeo.

*Reproduções em PAL Europeu são incompatíveis com alguns modelos de TV.



J48 BR

F66 BR

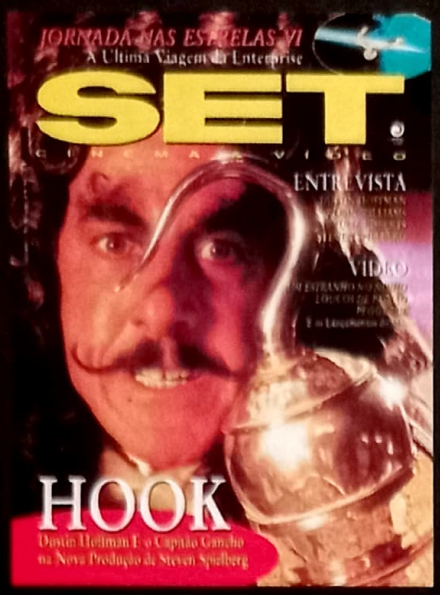
- Controle Remoto com Jog & Shuttle.
- Hi-Fi Stereo Sound System.

À venda na Zona Franca de Manaus

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

PROGRAMA



Na capa: Dustin Hoffman como Capitão Gancho em *Hook* (Columbia Tri-Star) e a nave Enterprise de *Jornada nas Estrelas VI — A Terra Desconhecida* (UIP)

Phil Bray/The Saul Zaents Co.

Columbia Tri-Star

4 TAKES

14 JORNADA NAS ESTRELAS VI
A Última Viagem da Enterprise
Spock e o capitão Kirk despedem-se do cinema

18 MATÉRIA DE CAPA
O Incrível Hook
A produção milionária de Steven Spielberg que levou Peter Pan de carne e osso às telas

24 ENTREVISTA
Dustin Hoffman, Robin Williams, Julia Roberts e Steven Spielberg, a propósito de *Hook*

28 VIDEOLANÇAMENTOS
Um Estranho no Ninho
A Loucura ao Alcance de Todos

30 OUTROS LANÇAMENTOS
Akira, Corpo e Alma,
Loucos de Paixão, El Dorado,
***Peggy Sue, A Família Addams* (o desenho)...**

38 AVANT-PREMIÈRE
***Brincando nos Campos do Senhor*, de Hector Babenco**

40 NOVOS FILMES
***Garotos de Programa, Billy Bathgate, Para Eles com Muito Amor, O Príncipe das Marés* etc...**

48 ENSAIO
Tamanho É Documento
Como Hollywood usa e abusa da criançada

54 EQUIPAMENTOS

56 CARTAS

58 NOSTALGIA

GEORGE
MICHAEL
MTV
MUSIC TELEVISION

QUERO TE VER NA MTV

A Última Viagem Estelar da Enterprise

Jornada nas Estrelas VI aposenta a tripulação, comemora 25 anos da série e pacifica o universo

Fotos UIP

Os bons e velhos marujos estelares

"Bom, o primeiro filme já era para ser o último", diz Leonard Nimoy, os olhos miúdos espremidos atrás das grossas lentes de seus óculos. "Era *Jornada nas Estrelas, o Filme*, ou seja, uma coisa só. Aí eles resolveram fazer o segundo, porque o primeiro foi tão bem-sucedido... bem mais do que eles imaginavam, eles achavam que os fãs não iam querer ir ao cinema. O segundo ia ser o último: Spock morria, quer coisa mais final, definitiva? Mas as bilheterias, de novo... Ressuscitaram Spock, foi o terceiro filme. Eu pensei: bem, assim está bem, uma trilogia, como *Guerra nas Estrelas*. Está bem."

Nimoy mexe a xícara de café à sua frente, ponderando a lógica de Hollywood, que talvez nem os vulcanos entendam. "Mas *Star Trek* simplesmente não ia embora. A Paramount não esquecia o quanto a série de filmes era um investimento seguro. Os fãs, parece, crescem a cada novo filme!"

Para encurtar a história, dr. Spock, houve um número 4 — o melhor até agora, dizem fãs, não fãs, críticos e estúdio, este contente com a bilheteria recorde de 109 milhões de dólares. E um número 5, semidesastroso, dirigido por William Shatner, o comandante Kirk em pessoa, e o mais fraco de todos na bilheteria: 52 milhões.

E tudo teria ficado mais ou menos por aí, ao sabor das glórias de um passado mais feliz, se o então presidente da Paramount, Frank Mancuso, não tivesse feito uma continha esperta: em 1991 se completariam 25 anos de existência da nave Enterprise e de sua tripulação. Jubileu de prata! Um quarto de século! "Pense em quantos tickets e camisetas e souvenirs e fitas cassetes podem ser vendidos!", diz, com um sorriso, DeForest Kelley, o dr. "Bones" McCoy.

"Mancuso me ligou dizendo que de-

Capitão Kirk: paz com os klingons

veríamos ter mais um filme", diz Nimoy. "Que a série deveria ser encerrada com chave de ouro, com alguma coisa à altura do aniversário. Eu relutei muito, muito mesmo. Mas, depois de muitas dúvidas, consegui chegar a um tipo de idéia que me satisfazia. E que, para mim, encerrava condignamente um ciclo e era coerente com as propostas de Gene (Roddenberry, criador de *Star Trek*, morto no ano passado)."

E foi assim que, de uma só tacada, se aposentou a tripulação da Enterprise, foram comemorados os 25 anos da série *Star Trek* e se fez a paz no universo. Tudo graças ao filme *Jornada nas Estrelas VI: A Terra Desconhecida*, o sexto e, a acreditar em Nimoy, Shatner e a maioria da tripulação da veneranda nave, o último filme da série iniciada em dezembro de 1979. "Para mim era um modo coerente de terminar a série: resolvendo o conflito com nosso maior inimigo, o Império Klingon", diz Nimoy, autor do argumento e da estrutura básica do roteiro de *Jornada nas Estrelas VI*. "Eu dei uma olhada à minha volta e vi a violenta transformação que o mundo estava sofrendo. A queda do muro de Berlim, as mudanças radicais na União Soviética, perestroika e Gorbachev. Lembrei que na série *Jornada nas Estrelas, A Nova Geração* havia um klingon a bordo da nave e imaginei que seria bom termos a transição, o traço de união entre esses dois momentos. Estava na hora de fechar numa conclusão a rivalidade entre a Federação e os klingons, como havia se concluído a guerra fria."

A história que Nimoy engendrou e que o diretor Nicholas Meyer (que dirigiu *Jornada nas Estrelas II: A Ira de Khan* e escreveu *Jornada nas Estrelas IV*) desenvolveu e dirigiu é engenhosa, digna do otimismo recalcitrante de Gene Roddenberry: pressionados por uma desesperadora crise ecológica, os klingons são obrigados a oferecer uma proposta de paz à Federação. A nave Enterprise é enviada a um *rendez-vous* com uma espaçonave klingon, com a missão de escoltar o chanceler Gorkon (David Warner) enviado à conferência de paz. Durante o encontro, contudo, um misterioso ataque é desfechado contra a nave klingon, assassinando Gorkon e sua comitiva. Kirk e McCoy se tornam prisioneiros do Império, acusados, julgados e condenados por traição e assassinato. E a paz no universo se vê ameaçada por inimigos misteriosos: "A questão, para mim, era 'a quem interessa a paz? A quem interessa a guerra?' ", diz Nimoy. "Porque a Federação e os klingons estão em guerra há tanto tempo, a indústria da guerra gerou muitos interesses, decerto. (O *undiscovered country* do título original é uma citação de Shakespeare que merece dois dedos de reflexão. No filme, a expressão é interpretada como uma metáfora para o futuro, "o país desconhecido". O texto original, contudo, um verso do famoso monólogo "ser ou não ser" de *Hamlet*, sugere mais uma metáfora da morte, ou do além depois da morte, "o país desconhecido do qual nenhum viajante retorna".)

No final das contas, tudo se acerta porque o universo de *Star Trek* é mais controlável que, digamos, a Iugoslávia. Kirk e McCoy passam maus bocados no planeta-gulag dos klingons, desolado como a Sibéria mas habitado por alienígenas interessantes: a modelo Iman, por exemplo, como Martia, uma mutante que esbanja tanto a libido do veterano comandante ("Bill não passa um filme sem beijar alguém",

Kirk e McCoy, acima, são julgados pelos klingons. Abaixo, dr. Spock e uma tripulante estelar

Fotos UIP

diz Kelley. "Na TV era a mesma coisa") quanto uma boa parte dos 28 milhões do orçamento, graças aos efeitos especiais requisitados por seu personagem (realizados pela Industrial Light and Magic, usando o mesmo *software* Morph desenvolvido para *O Exterminador do Futuro 2*).

Há também uma misteriosíssima navegadora vulcana, Valeris (Kim Cattral), que tem intenções imponderáveis tanto com relação aos klingons quanto com relação a Spock. "Oh, não, não creio que Spock esteja interessado num relacionamento mais profundo", diz Nimoy, rindo. "Mas Valeris foi uma personagem muito interessante, sugerida por Nick, e muito importante até para revelar os preconceitos de Spock." Cattral, que já passou por apuros bem maiores que os resultantes de uma paixonite vulcana—ela foi a esposa rejeitada de Tom Hanks na desastrosa versão cinematográfica de *Fogueira das Vaidades*, de Brian De Palma —, adaptou-se bem às orelhinhas pontudas. "Não posso dizer que é um papel como os outros", ela diz. "Na hora de fazer pesquisa, descobrir as motivações de Valeris, foi muito difícil. Ainda bem que eu tinha Leonard para consultar. Ele sabe tudo sobre vulcanos."

Mas a paz e as boas intenções triunfam — *Jornada nas Estrelas VI* termina com uma citação de *Peter Pan*, "segunda estrela à direita, até o amanhecer", e com a Enterprise voando engalanada rumo à aposentadoria e ao universo estrelado. Na jornada até este final feliz há espaço para aquilo que o conceito da série sempre teve de melhor: um olhar sobre a condição humana, uma visão otimista do papel da ciência (e, neste caso, também da política), e um bocado de bom humor, inclusive e principalmente para com a própria série (diálogo entre um tripulante e Spock. Tripulante: "Mas então estaremos mortos!" Spock: "Não me importo, eu já estive morto, mesmo"). O time Meyers/Nimoy prova-se o melhor de todos em destrinchar o código deixado por Roddenberry e traduzi-lo para o cinema, e os quase 30 milhões do orçamento estão na tela, onde deveriam estar, e não esbanjados em bobagens como foi o caso do número V, no qual Shatner torrou o que podia e não podia e acabou com um filme feio, fraco e chato.

A questão da aposentadoria da Enterprise e sua valorosa tripulação é algo que também depende muito do ponto de vista de quem responde. Se *Jornada nas Estrelas VI* for bem de bilheteria, o "fim" pode durar apenas um ano ou dois. Muitos veteranos destes 25 anos, contudo, acham que já é mais que hora de eles serem dispensados de suas tarefas. "Há algum tempo eu acho que os limites estão sendo forçados", diz DeForest Kelley. "A morte de Gene de certo modo nos lembrou da nossa própria mortalidade e da necessidade de fechar um ciclo", diz Nimoy. "Durante as filmagens, contudo, nós não pensávamos muito que este era o fim, o adeus. Foi baixando aos pouquinhos. Eu confesso que fiquei um pouco abalado."

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

SET

Star Trek VI: Undiscovered Country, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Nicholas Meyer ■ Com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley, James Doohan, Christopher Plummer ■ ROTEIRO: Nicholas Meyer e Denny Martin Flinn, baseado em *Star Trek*, criação de Gene Roddenberry ■ FOTOGRAFIA: Hiro Narita ■ MÚSICA: Cliff Eidelman ■ PRODUÇÃO: Ralph Winter e Steven-Charles Jaffe para a Paramount ■ DURAÇÃO: 109 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

MINI-CÂMERA DE VÍDEO VHS COMPACT GR-AX 15 UM

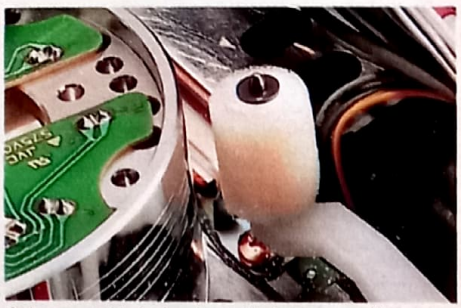
ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS COM MACRO AUTOMÁTICO A PARTIR DE 1,5 cm, 1 LUX DE SENSIBILIDADE, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS, TRACKING DIGITAL AUTOMÁTICO

Para quem enxerga longe.

A JVC apresenta a Camcorder para quem faz questão de ir sempre mais longe: GR-AX15 UM . Compacta e leve, a nova câmera JVC dispõe de Lente Zoom Motorizada com ampliação de até 8 vezes, Auto Focus e Macro Automático - nitidez, mesmo nas tomadas à distância ou muito próximas (de 1,5 cm a infinito); Sistema de Ganho de Luminosidade que, ao toque de um botão, amplia a sensibilidade da câmera à luz (até 1 lux), garantindo a qualidade da imagem, mesmo em ambientes de baixa iluminação (ao anoitecer ou no interior de um quarto à meia-luz, por exemplo). Além disso, a GR-AX15 UM conta com Sistema de Limpeza Automática das Cabeças e Tracking Digital Automático.

Agora, se você acha que fomos longe demais, é porque ainda não viu nada: visite nosso show room para conhecer em detalhes, a completa linha JVC e confira como a alta tecnologia anda bem pertinho de você.

GARANTIA 1 UM ANO

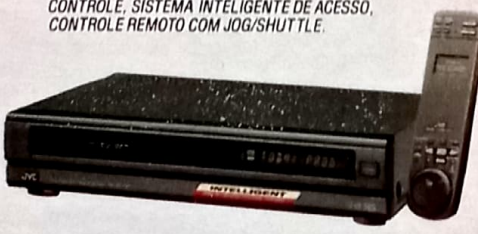


Cada vez que a fita é colocada ou retirada nos novos vídeos e câmeras JVC, o sistema Auto-Limpeza das Cabeças é acionado.

HR-D671M - DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, EFEITOS ESPECIAIS E CÂMERA LENTA, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS, PROGRAMAÇÃO COM DUPLA INDICAÇÃO, D.A. 4 HEAD.

HR-D651M - DESIGN AVANÇADO DE DIMENSÕES COMPACTAS, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, DUAL-SCREEN PROGRAMMING, D.A. 4 HEAD, CÂMERA LENTA E EFEITOS ESPECIAIS, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.

HR-D941M - STEREO Hi-Fi DE ALTA FIDELIDADE, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, D.A. 4 HEAD, CENTRO INTELIGENTE DE INFORMAÇÕES, SISTEMA INTELIGENTE DE CONTROLE, SISTEMA INTELIGENTE DE ACESSO, CONTROLE REMOTO COM JOG/SHUTTLE.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

TECNOVIDEO®

CENTRAL DE VENDAS: (011) 815-9144

JVC®

O Incri

Steven Spielberg dirigiu o filme que é a sua cara: Hook, a revisão da história de Peter Pan pela ótica do Capitão Gancho. No elenco: Dustin Hoffman, Robin Williams, Julia Roberts. Tudo ao custo de 70 milhões de dólares

Sininho (Julia Roberts)

Fotos Columbia Tri-Star

Steven Spielberg entregou os pontos. Conforme ele mesmo confidenciou ao *The New York Times*, o diretor desistiu de querer ser Akira Kurosawa, David Lean ou Martin Scorsese. "Desisti de ficar me evitando", disse ele. O primeiro — e ambicioso — passo nesse reencontro consigo mesmo é *Hook*, uma versão nova — e apelidada, por alguns, de New Age — de *Peter Pan*, o clássico de 1904.

É um projeto, por ironia, que Spielberg driblou sistematicamente. "Jamais dirigirei *Peter Pan*", ele chegou a sentenciar em 1988, pouco antes de começar a rodar *Indiana Jones e a Última Cruzada*. Mas o encontro de Steven — o cineasta que melhor consegue traduzir para a tela a ótica fantástica infantil — com o personagem de J.M. Barrie provou-se inevitável.

Décimo primeiro filme do mestre da fantasia contemporânea em celulóide, co-estrelado por Robin Williams, Dustin Hoffman e Julia Roberts, rodado a um custo estimado entre fabulosos 60 e 70 milhões de dólares, *Hook* é daqueles filmes que deixam de ser um simples espetáculo de entretenimento para se transformar num evento que mobiliza todas as atenções: diretor de toque mágico e considerável acume comercial arregimenta megaastro, lenda do cinema e celebridade intergaláctica para ajudá-lo a torrar fortunas numa revisão de *Peter Pan*, o clássico de tema que tanto se assemelha com a própria trajetória do cineasta-que-não-quer-crescer.

Tamanha fanfarra, além do mais, depositou nas costas do filme a heróica missão adicional (e impossível para um único filme) de reativar um mercado ferido pela recessão. Se falhar nas bilheterias — ou seja, se deixar de render mais que 200 milhões de dólares, o piso indicativo do primeiro centavo de lucro do filme —, portanto, *Hook* poderá revelar-se "apenas mais um filme", ou, pior, poderá merecer um desonroso lugar no mesmo cemitério de

vel Hook

Hook (Hoffman) com Pan (Williams) na ponta da espada: de volta à Terra do Nunca

excessos hollywoodianos em que repousam em tormento *Ishtar* (co-estrelado por Hoffman), *1941* (dirigido por Spielberg) e *Popeye* (estrelado por Williams).

Ganhar dinheiro com o filme, em si, não será fácil. O diretor e os astros principais abriram mão de cachês altos para receber gordas percentagens da renda nas bilheterias: dos primeiros 50 milhões de dólares que coletar, 20 irão direto para os bolsos de Spielberg, Hoffman e Williams. Os 70 milhões seguintes ficam com o estúdio, mas a partir daí o trio passa a embolsar 40% da renda. Quando — e se — a renda atingir 300 milhões de dólares (um objetivo bem difícil — *O Exterminador do Futuro 2*, por exemplo, o maior sucesso de 1991, fechou o ano com uma renda pouco superior a 200 milhões), a percentagem sobe para 50%.

Por causa de suas proporções e circunstâncias — e ainda não chegamos ao capítulo à parte provocado pela inclusão de Julia Roberts no cast, em meio a um período tempestuoso na vida da estrela, nem tocamos na série de acontecimenttos que empurrou este projeto para o colo de Spielberg —, *Hook* precisa fazer por onde merecer todas as expectativas que criou desde o início das filmagens, no início de fevereiro do ano passado.

GAROTÃO — Trata-se de uma proposta original e entusiasmante, a bolada pelo roteirista Jim V. Hart com base numa série de conversas travadas com o filho pequeno a partir de 1982: e se o Capitão Gancho não tivesse morrido? E se o Peter Pan tivesse crescido e virado um

O Jolly Roger, maquete de galeão espanhol com fragata inglesa, 15 milhões de dólares flutuando numa baía artificial com 1,5 milhão de litros d'água

adulto, possivelmente um tubarão corporativo estressado e carreirista que não dá a mínima para seus próprios filhos? Nosso herói teria virado as costas para a bravura, a pureza e o espírito aventureiro da infância?

Com essa idéia básica na cabeça — montada com a contribuição de todos os seus familiares, recompensados mais tarde com um pífio ingresso para ver o filme em sua première de gala — Hart aliou-se ao diretor Nick Castle e juntos eles convenceram a chefia da Tri-Star sobre o projeto. Durante um ano, Hart e Castle desenvolveram diferentes versões do roteiro, até que o então diretor de produção do estúdio, Mike Meadvoy, sentiu-se confiante o suficiente para enviá-lo a Dustin Hoffman, na esperança de que ele se interessasse pelo papel do vilão. Hoffman gostou do que leu e respondeu com uma única palavra quando Mike perguntou-lhe quem deveria, na opinião de Dustin, dirigir o filme: "Spielberg".

Antes de ganhar como chefão da Orion — posto que ocupava antes de estar na Tri-Star — o título honorário de "amigo dos cineastas pensantes", Meadvoy havia sido, entre outras coisas, o agente de Steven Spielberg, quando o diretor ainda era um garotão de 20 anos, com um contrato de sete anos recém-firmado com a Universal. Não precisava ser Sherlock para concluir imediatamente que os dias de Nick Castle no projeto *Hook* estavam contados.

"Foi um processo muito doloroso", relembraria meses mais tarde o roteirista Hart. "Castle havia suado sangue para realizar o filme." Hart, contudo, permaneceu. E Castle só arredou pé depois de ter recebido um polpudo "cala boca": a promessa de dirigir um outro filme, ainda não selecionado, para a Tri-Star, crédito em *Hook* de co-roteirista, mais uma soma estimada entre 500 e 850 mil dólares.

O roteiro de *Hook* pode ter recebido influências de Castle, mas ele não foi o único e muito menos o último a mexer no script. Dos inúmeros roteiristas envolvidos no projeto, apenas três levam crédito: Castle, Hart e Malia Scotch Marmo, trazida pessoalmente por Dustin Hoffman quando ele percebeu que seu personagem ainda não estava vivo no papel. Outros escribas permaneceram no anonimato ou trabalharam na base da amizade ou da diversão — como a também atriz Carrie Fisher, que forneceu inúmeras falas curtas para ajudar a brilhar o Capitão Gancho, mas sem receber um único tostão por isso. O entra-e-sai de roteiristas atingiu um pico de intensidade quando chegaram a ser produzidas 700 páginas de script por mês!

Igualmente trabalhosa — e infinitamente mais cara, se comparada à dan-

Julia, como Sininho: no centro das fofocas de Hollywood (à esquerda). Williams e os efeitos especiais (um vôo de estilingue, à direita)

Bob Hoskins (acima) é o Barrica, assistente do Capitão Gancho, que sustenta um dos filhos raptados de Pan (abaixo)

Peter Pan em família, (ao lado) e como yuppie no ramo dos negócios imobiliários: o inferno é o crescimento (acima)

Fotos Columbia Tri-Star

ça de palavras e páginas que a precedeu — foi a cenografia, uma vez que Spielberg insistiu em filmar quase todas as cenas em estúdio. De todos, o mais elaborado dos sets usados no filme ficava no Stage 27 do complexo de estúdios que a Sony mantém em Culver City, bairro de Los Angeles — lá estava Piratetown, a cidade costeira comandada pelo Capitão Gancho e onde ele atracara sua nau, o Jolly Roger. Só o navio — criado por John Napier, veterano de musicais da Broadway — consumiu 15 milhões de dólares (o custo aproximado do E.T., a criatura) e levou quinze semanas para ser construído conforme as especificações de especialistas da indústria náutica inglesa. E tome detalhes realistas: os canhões no deck disparavam de verdade — balas de plástico, mas disparavam — e o Jolly Roger — uma combinação dos designs de um galeão espanhol com uma fragata inglesa do século XVII — flutuava sobre uma baía artificial criada com 1,6 milhão de litros d'água.

Estrelas de Hollywood, políticos e dignatários estrangeiros, todos prestaram suas homenagens ao Jolly Roger, numa sucessão de visitas ao estúdio, que fez desfilar gente como Richard Gere, Francis Ford Coppola, David Hockney, Quincy Jones, Prince, Susan Sarandon, David Crosby (visto como um dos piratas no filme), Glenn Close (outro pirata, o barbudo que é preso e atirado num baú, com aranhas e escorpiões, numa das cenas do filme) e até a rainha da Jordânia. O sucesso do navio justificou, ainda, os 500 mil dólares gastos em sua desmontagem, feita com todo o cuidado, para transformá-lo em uma das atrações de um possível parque de diversões que se

Hook

O retorno de Spielberg à fantasia mostra um Peter Pan que cresceu e um Capitão Gancho que teme envelhecer

Peter Pan (Robin Williams) cresceu, casou, teve filhos e virou um superadvogado que põe a carreira e o dinheiro acima de tudo e todos. O Capitão Gancho (Dustin Hoffman) teme a velhice mais do que o crocodilo gigante que comeu-lhe a mão esquerda, e acha que a única forma de manter a juventude é enfrentar de novo seu "mais valoroso oponente". Mas por onde andará Peter Pan?

A solução é raptar os filhos de Peter e usá-los como isca. O único problema é que o Peter quarentão, barrigudo e ganancioso dos anos 90 esqueceu-se de quem é. Muito menos suspeita que os filhos foram levados para a Terra do Nunca.

Essa premissa básica — para salvar suas crianças, Peter precisa salvar a criança que ainda mora dentro dele — é o coração de Hook, *mas bem que poderia servir de metáfora para a carreira de Spielberg: aqui ele desvia de seu lado "sério" para retornar à fantasia.*

Sai-se bem, a maior parte do tempo — embora o filme tenha um jeitão de ter sido feito apressadamente — graças a um elenco que ainda inclui Julia Roberts (a Fada Sininho) e Bob Hoskins (o Barrrica, assistente de Gancho, a melhor coisa do filme).

J.E.R.

construiria em Orlando, tendo como base as aventuras de Peter Pan.

Se tudo na produção de *Hook* tivesse dado tão certo e fosse relativamente descomplicado quanto o Jolly Roger, Spielberg teria hoje menos cabelos brancos. Mas ele precisou dirigir Dustin Hoffman enquanto o ator equilibrava uma peruca feita de pêlo de iaque, um gancho de metal que pesava dois quilos e meio, e movia-se ligado a um tubo que soprava ar condicionado para dentro de seu fraque de veludo. Ele precisou coordenar as intrincadas cenas de efeitos especiais em que Robin/Peter dá cambalhotas e faz piruetas no ar — cortesia da Industrial Light and Magic. E, sobretudo, viu-se às voltas com a central de rumores que alimentou a fofocada em torno de Julia Roberts.

Diretamente, Spielberg foi afetado pelo disse-me-disse relativo a Julia no momento em que circularam fofocas dando conta do pretensamente fraco estado de saúde da atriz — o que poderia impedi-la de trabalhar em *Hook*. Isso mostrou-se infundado, como comprova o filme pronto. Indiretamente, porém, Spielberg sofreu com o mau humor da atriz — quase sempre de pavio curto durante as filmagens por causa de todo um mundo observando sua vida particular através de um microscópio público. Várias reportagens publicadas nos Estados Unidos em revistas e jornais de honestidade inquestionável deram conta de atritos entre Spielberg e Julia durante as filmagens. A diplomacia Hollywoodiana, no entanto, prevaleceu: para exorcizar o mal-estar, Spielberg e Julia posaram sorridentes para uma série de fotos durante a filmagem, com o objetivo principal de mostrar aos acionistas da Sony que seu maior investimento do ano, *Hook*, não corria perigo.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Damas de reputação duvidosa alegram a vida dura do Jolly Roger (acima). Hoffman equilibra uma peruca de pêlo de iaque, enquanto Sininho aparece (mais abaixo) em traje de gala

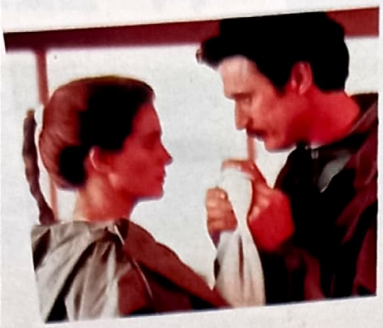
Hook, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Steven Spielberg ■ Com Dustin Hoffman, Robin Williams, Julia Roberts, Phil Collins, Bob Hoskins ■ ROTEIRO: Jim V. Hart, Malia Scotch Marmo e Nick Castle, baseado na peça e no livro de J.M. Barrie ■ FOTOGRAFIA: Dean Cundey ■ MÚSICA: John Williams ■ PRODUÇÃO: Kathleen Kennedy, Frank Marshall e Gerald R. Molen para a Amblin Entertainment ■ DURAÇÃO: 144 min. DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Fotos Columbia Tri-Star

PUBBLICITÀ & ESQUIRE

Toque de Vídeo.

Veja aqui os lançamentos que vão levar toda a emoção do mundo para a sua casa.



DORMINDO COM O INIMIGO

Julia Roberts é Laura e Sara. Para escapar do homem mais perigoso que conheceu ela muda o nome, a aparência e a vida. Mas, o passado começa a ameaçá-la.

abril vídeo

QUASE UM ANJO

Após um acidente, o herói dessa comédia se encontra com Deus e, depois de um tremendo sermão, volta à Terra para corrigir seu passado criminoso. Com Paul Hogan, o astro de Crocodilo Dundee.

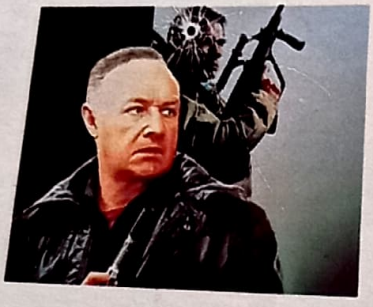
AS TARTARUGAS NINJA II

Rafael, Donatello, Leonardo e Michelangelo – as Tartarugas Ninja – estão de volta nessa emocionante aventura, em busca do segredo do Ooze.

CIC VÍDEO

LOUCOS DE PAIXÃO

Veja o que acontece quando um jovem inexperiente encontra uma mulher com experiência demais. Com James Spader e Susan Sarandon.



ENTREGA MORTAL

O sargento Gallagher (Gene Hackman) tem que levar o prisioneiro Walter Henke de Berlim para os Estados Unidos. Durante uma briga no aeroporto, ele desaparece e compromete um acordo nuclear entre os Estados Unidos e a URSS.

LK-TEL VÍDEO

FÚRIA MORTAL

O melhor filme de Steven Seagal. O que "Bons Companheiros" representa para o tema "gangster", "Fúria Mortal" representa para o tema "revanche".

DE FRENTE PARA O PERIGO

O detetive Caufield (Gene Hackman), ao resgatar Carol (Anne Archer), testemunha a morte de um gangster e se envolve numa fuga frenética dentro de um trem.

WARNER HOME VIDEO

ESPIÃO POR ENGANO

Uma mistura de James Bond, Bruce Willis e Indiana Jones. Um estudante se envolve, sem querer, numa trama que o leva a enfrentar espionagem, vilões diabólicos e romances exóticos.

Romance, ação, aventura, ficção, comédia. A gente programa todo tipo de emoção para você. São grandes lançamentos, grandes sucessos exclusivos à sua disposição nas locadoras. E você sabe: vídeo é um programa divertido, confortável e econômico.

Apoio SET

abril vídeo · CIC VÍDEO · LK-TEL VÍDEO · WARNER HOME VIDEO

Vídeo. Gosto muito, gasto pouco.

Robin Williams

Steven Spielberg

Julia Roberts

H

Fotos Columbia TriStar

O diretor e os astros principais de *Hook* falam sobre a experiência de filmar uma história infantil clássica. Peter Pan, Capitão Gancho, Fada Sininho e Spielberg, o idealizador, revelam as motivações para encarar o desafio de um projeto tão difícil

Dustin Hoffman

Com o perfil pessoal e profissional que você tem, é espantoso que você não tenha feito este filme antes. O que o impediu?

STEVEN SPIELBERG — Primeiro, foi um labirinto até que eu conseguisse comprar os direitos do texto de Barrie que, como se sabe, foram deixados por ele, em testamento, ao Hospital Infantil de Londres. Os direitos para cinema pertenciam a outras pessoas, havia um emaranhado legal... Para encurtar a história, comprei os direitos, afinal, em 1985, e estava com tudo preparado para fazer um filme. Seria basicamente uma versão ao vivo do desenho da Disney de 1953, mas com uma referência ainda maior ao texto de Barrie. O script estava sendo feito, cenários estavam sendo construídos em Londres... Então uma coisa extraordinária aconteceu: nasceu meu primeiro filho, Max. Minha cabeça dançou. Em meses eu me tornei uma réplica perfeita de meu pai e minha mãe. Todos os clichês paternos que passei minha vida toda ouvindo entraram na minha cabeça. Deixei de ser um garoto, passei a ser o pai de um garoto. Por isso não fiz Peter Pan em 1984, 85. Mas o apetite, a vontade, a fome permaneceram. O que eu precisava, agora, era achar um novo ângulo que me possibilitasse contar essa história, esse mito, do ponto de vista em que eu me encontrava, em que várias pessoas da minha geração se encontravam. Eu achava que isso era impossível, até ler o roteiro de Jim Hart. Foi isso que me convenceu a retomar o projeto.

Qual a sua relação com Peter Pan?

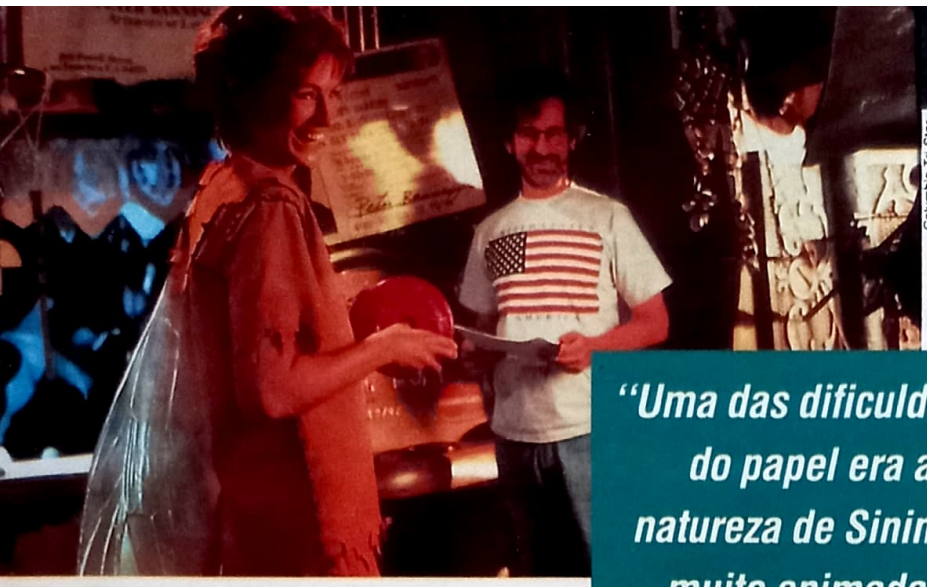
ROBIN WILLIAMS — Eu tinha um conhecimento muito vago de Peter Pan. O livro de Barrie, uma lembrança do desenho da Disney... Não sou um expert em Peter Pan como Steven... Nunca vi a peça de teatro, nunca vi (a atriz e acrobata) Mary Martin interpretar Peter Pan, nunca vi (a atriz) Cathy Rigby interpretar Peter Pan, nunca vi Arnold Schwarzenegger interpretar Peter Pan... Ei! esse seria o melhor, hein? "Ele está de volta! O maior Peter Pan que vocês já viram! Os maiores *collants* que vocês já viram!" Bem, falando sério, eu tive reservas quanto ao papel. Eu me lembrei de *Popeye*. Eu me lembrei do que aconteceu a *Popeye*. Não eram lembranças agradáveis. Robin, você quer passar por isso de novo? Não, senhor. Mas uma outra voz na minha cabeça insistia: mas é Steven, e Dustin e Bob (Hoskins)... Esse debate durou semanas na minha cabeça. Então, finalmente, eu capitulei. Se existe um time capaz de fazer um grande filme com este assunto, este é o time. E, se o filme fracassar fragorosamente, estarei em ótima companhia.

Você foi a primeira pessoa a aderir ao projeto de *Hook* e a primeira pessoa a sugerir mudanças no script com relação ao seu personagem, o Capitão Gancho. Por quê?

DUSTIN HOFFMAN — Eu sempre adorei a idéia de interpretar Gancho. Pergunte a qualquer ator — vilões são tão mais interessantes de fazer! Eu senti que havia algo a ser explorado no Capitão Gancho, algo sobre a natureza do vilão... E esse era meu problema com o texto. Eu não senti que meu personagem estivesse lá. Eu não senti que as motivações do meu personagem estivessem lá. Eu precisava saber por que Gancho tem essa relação tão intensa com Peter, por que ele quer ainda lutar contra Peter, por que ele não consegue lutar contra Peter. Quando Malia (Scotch Marmo, a roteirista sugerida por Hoffman para reescrever o script) me deu os motivos de Gancho — que ele tem essa obsessão com o homem que lhe cortou a mão, mas não consegue combatê-lo, de imediato, porque ele não é o personagem mítico, formidável, que ele crê estar a sua altura — ela me deu meu personagem.

Que tipo de fada é Sininho?

JULIA ROBERTS — Acho que a única fada da qual eu me lembro mesmo é Sininho, na abertura da série de TV, *Disneylândia*. Para mim foi fácil ser Sininho: roupa e efeitos especiais. Acho difícil descrever Sininho. Ela é uma fada como as outras, acho. Uma fada normal.



Columbia Tri-Star

> *"Uma das dificuldades do papel era a natureza de Sininho, muito animada e energética. Tive dificuldade em achar tanta energia"*

O que este Peter Pan — *Hook* — tem a dizer para as platéias de hoje? Para a sua geração, por exemplo, que, como você disse, deixou de ser de garotos para ser de pais de garotos? Ou para as crianças de agora, acostumadas com videogames e filmes de ação?

SPIELBERG — Para mim, Peter Pan sempre foi sinônimo de imaginação. Ele voa... esse é seu maior atributo. Sou fascinado por voar, voar para mim é a metáfora perfeita do poder da imaginação. Minha opinião é que as pessoas estão perdendo a imaginação, principalmente as pessoas da minha geração. Estão todos envolvidos com seus trabalhos e sucessos e carreira. Eles não têm tempo para seus filhos, vêem seus filhos apenas no fim de semana, como Peter Banning no filme. Isso acontece com amigos meus. Isso acontece comigo — eu me identifico muito com Peter Banning no terço inicial do filme. Acho que, para esta geração, *Hook* está falando da infância, do valor da infância, que é o valor da imaginação. Quanto às platéias infantis... sim, é fato, elas têm visto muitos filmes de ação pesada ultimamente, o que não sei se é exatamente ideal... Mas crianças são e serão sempre crianças. Elas gostam de ouvir histórias, gostam que se contem histórias. E *Hook* é uma grande história.

O que você descobriu ao ser levado a se tornar Peter Pan?

WILLIAMS — Eu descobri por que até agora, no teatro, apenas mulheres interpretavam Peter Pan: por causa dos cabos necessários para o vôo. Eles ficam presos... lá embaixo. BEM presos! Não é uma situação confortável para um homem, se é que você me entende... Bom. Além disso... eu li o texto original de Barrie. Na verdade eu carregava o texto comigo para cima e para baixo, como uma bíblia, e tentava voltar ao espírito do texto original sempre. Eu pesquisei a mitologia... Peter Pan deriva do mito grego de Pan. Ele não é apenas um menininho adorável. Ele tem lados sombrios e até aterradores, mortais. No texto original ele odeia adultos. Ele mata pessoas. Ele é capaz de crueldades. Ele é profundamente egoísta, egocêntrico, como, aliás, as crianças são, naturalmente. Mas esse é o fascínio da história, o que ela me proporcionou: a possibilidade de revisitar o mundo da infância em todos os seus aspectos, a solidão da infância, o egoísmo da infância, a magia da infância. Esse filme me fez fazer "uau" várias vezes. E eu sou um adulto cínico e entediado como qualquer outro. Se o filho conseguir com que todo mundo faça "uau", não importa o quão cínico e entediado seja, então ele cumpriu seu objetivo.

Você disse que queria fazer o Capitão Gancho como uma forma de refletir sobre a natureza do vilão. O que você descobriu?

HOFFMAN — Há algum tempo eu já observo... em meus filhos, em outras crianças... o quanto o espírito humano resiste à compaixão. Crianças são capazes das coisas mais cruéis umas com as outras, mas só aprendem compaixão se você ensina a elas — "você não deve fazer isso, veja como você o machucou, como o fez chorar". Será que é isso que os católicos chamam de pecado original? A natureza essencialmente tortuosa da alma humana? Gancho é uma pessoa com alguns objetivos simples. Ele leva a sério esses objetivos. Ele não teve tempo para aulas de compaixão. Mas, sem um vilão como ele, onde estariam os heróis? Vilões são entidades muito necessárias.

Você fez este filme durante um período muito difícil de sua vida. Qual foi sua motivação para continuar em frente — e quais as dificuldades de trabalhar não apenas nestas condições, mas também praticamente isolada do resto do elenco, devido aos efeitos especiais?

JULIA — Creio que sou uma pessoa muito teimosa. Eu me aferro ao lado positivo das coisas — e simplesmente continuo em frente. Me preocupar e me desesperar não iam adiantar nada. Que escolha eu tinha? Quanto às dificuldades do papel... bem, uma delas, de cara, era a natureza de Sininho, muito animada e energética, voando para todo lado... tive dificuldade em achar em mim mesma tanta energia. Os aspectos técnicos eram difíceis também. Steven me avisou de antemão, mas nem assim eu podia imaginar o quão difíceis eles eram. Eu praticamente não trabalhava com o resto do elenco, tinha que representar para uma tela azul, sozinha, com Robin lendo as falas dele atrás da câmera. E depois havia o aparato todo que me fez voar... um verdadeiro instrumento de tortura! Mas acho que somando todos esses aspectos, isso torna o resultado final ainda mais gratificante.

***Hook* está sendo considerado seu retorno ao filme de fantasia, para crianças. Isso é parte de uma estratégia de sua carreira, ou uma casualidade?**

SPIELBERG — Não tenho estratégia de carreira. Não fico como um general planejando meus movimentos no campo de batalha. Eu ainda escolho projetos motivado pelo meu interesse em fazê-los, em conviver com eles. Se é algo que me apaixona inteiramente, e que eu acho que posso dedicar um, dois anos da minha vida a ele, eu produzo e dirijo. Eu não ia fazer este filme depois de *Além da Eternidade* — eu ia fazer *Schindler's List*, que é um drama sobre o Holocausto e de forma alguma um filme para crianças (vou fazê-lo agora, aliás, no início de 92). Mas aí recebi este script e me perguntei "por que não?" Às vezes as coisas acontecem assim. Comigo, pelo menos, elas acontecem assim.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

O MELHOR DO VÍDEO VOCÊ ENCONTRA AQUI. AO VIVO.

O PRIMEIRO SUPERMERCADO DE FITAS E ACESSÓRIOS PARA LOCADORAS

- ATENDIMENTO 24 HORAS
- ENTREGAMOS EM TODO O BRASIL COM SEDEX GRÁTIS
- ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO PELO TELEFONE
- VIDEOGAMES — CARTUCHOS
- PISTOLAS — ACESSÓRIOS
- ESTOJOS — EXPOSITORES

CARTUCHO — VIDEO GAME
CD — ACESSÓRIOS
GAME-GEAR
GAME-BOY
NINTENDO — MEGADRIVE

PROMOÇÕES DO MÊS
LANÇAMENTOS O MELHOR PREÇO DO BRASIL
CONFIRA

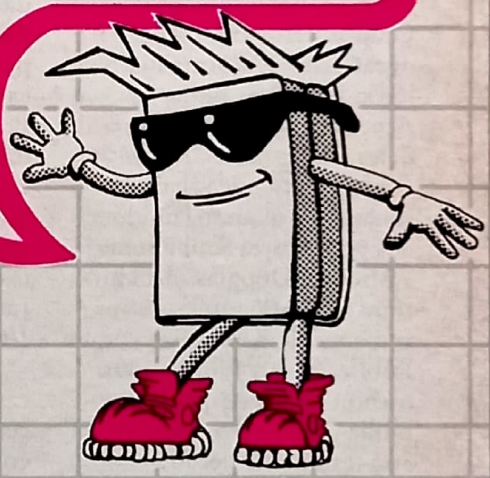
ROCKTEER	— REI POR ACASO
DORMINDO COM O INIMIGO	— QUASE UM ANJO
AIR AMERICA	— RESGATE NO IRAQUE
ENTREGA MORTAL	— FÚRIA MORTAL

ENTRE OUTROS

CATÁLOGOS DA CIC — WARNER — COLUMBIA — CBS FOX — ABRIL

A PARTIR DE Cr$ 18.900,
PEDIDO MÍNIMO Cr$ 80.000,
SEDEX GRÁTIS PARA COMPRAS SUPERIORES A Cr$ 300.000.

GRANDE VARIEDADE DE CARTUCHOS



FEVEREIRO MÊS DE INAUGURAÇÃO DAS NOVAS E MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA PRONTA ENTREGA RIO I TIJUCA. BRINDE GRÁTIS DURANTE TODO O MÊS

AGORA VOCÊ ENCONTRA OS PRODUTOS VENDIDOS PELO SHOPPING VÍDEO NO BARRA SHOPPING NA VÍDEO IN LOJA 106 — NÍVEL LAGOA

TELEVENDAS - PABX (021) 390-7100 DDG (021) 800-9102 FAX (021) 359-7631

shopping VIDEO

PRONTA ENTREGA RIO I
R. São Francisco Xavier, 378-A - Tijuca - CEP 20550 - Rio de Janeiro - RJ - PABX (021) 284-1622 - 284-9500 - Fax: (021) 264-2698

PRONTA ENTREGA RIO II
Estrada do Portela, 99/310 - Madureira - CEP 21351 - Rio de Janeiro - RJ - Tels.: (021) 350-4966 - 390-2573 - Fax: (021) 359-7631

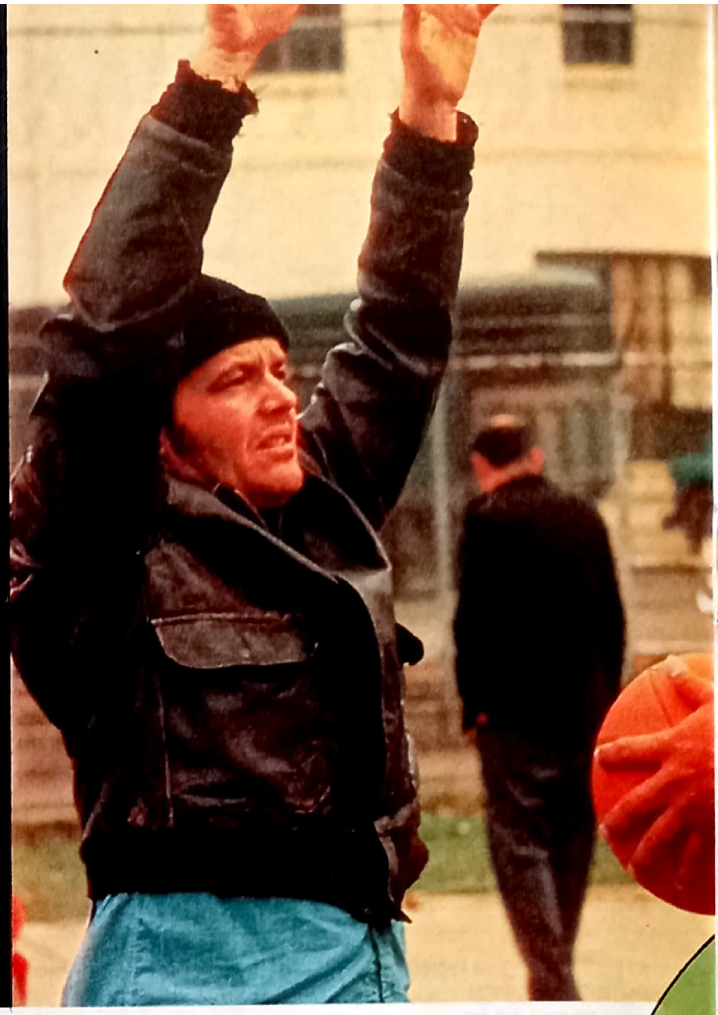
EM COPACABANA PRONTA ENTREGA RIO III
R. BOLÍVAR, 54 - Gr. 203

EVOLUÇÃO COMUNICAÇÕES

VIDEOLANÇAMENTOS

A Loucura ao Alcance de Todos

Vencedor de vários Oscar, *Um Estranho no Ninho* reúne uma dúzia de tipos malucos



Ao contrário do protagonista do filme que lhe rendeu o primeiro Oscar da carreira, o expatriado Milos Forman é um estranho no ninho que deu certo. Nascido na Tchecoslováquia mas radicado nos Estados Unidos desde o final da década de 60, Forman já havia feito dois filmes na América — o primeiro deles, *Procura Insaciável (Taking Off)*, de relativo sucesso — quando, unido aos produtores Saul Zaentz e Michael Douglas, decidiu transpor para as telas o romance de Ken Kesey. Publicado em 1962, o livro tornou-se uma espécie de bíblia para os jovens que atravessaram a década rompendo tabus e gritando contra a participação dos Estados Unidos na guerra do Vietnã. Ele narra a trajetória de um sujeito que, confinado num hospital psiquiátrico, revela-se contra a opressão vigente, influenciando, com seu comportamento, os demais pacientes.

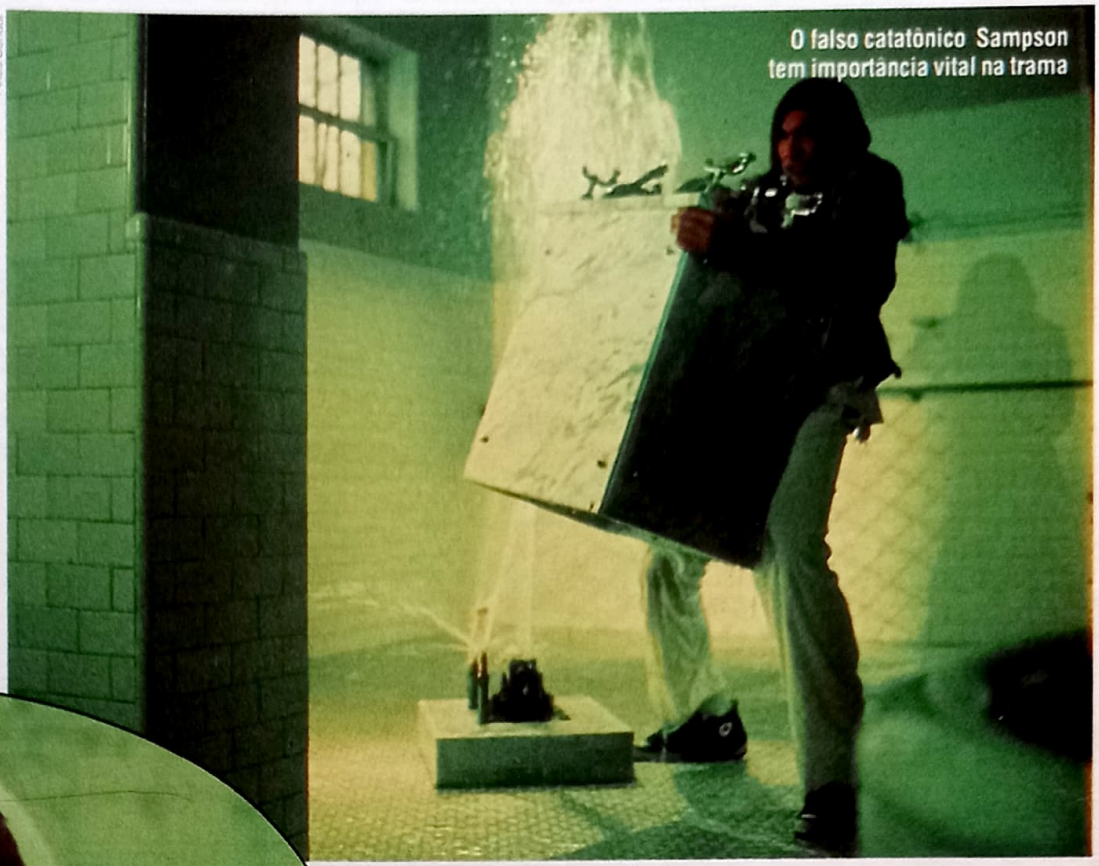
A esse argumento que, por si só, tem um apelo irresistível, Forman acrescentou um elenco afinado. Afeito a viver na tela personagens à margem da sociedade, Jack Nicholson obteve a melhor performance de toda sua carreira na pele de Randall P. McMurphy. Sua interpretação é sóbria e contida, na medida exata do personagem que vive, a anos-luz, por exemplo, dos excessos que marcaram o Jack Torrance de *O Iluminado*.

A comparação não é casual, uma vez que, de certa forma, Nicholson não conseguiu, nunca mais, livrar-se inteiramente de R.P. McMurphy. O protagonista alucinado do filme de Kubrick é a mesma face de uma outra moeda. Em *O Iluminado*, Nicholson reinterpreta McMurphy, mas sob uma capa que evidencia sua tendência para o *overacting*, transformando seu personagem numa caricatura grotesca.

No papel de Ratched, a inflexível enfermeira-chefe, Louise Fletcher também arrancou elogios unânimes da crítica. Para dar vida a Ratched — cujo comportamento insensível e intolerante, obsessivo no apego a normas de conduta rígidas, fará com que entre em rota de colisão com o anárquico McMurphy — vale-se, unicamente, do olhar como recurso expressivo, por meio do qual deixa revelar a tremenda ira contida que mediará seu relacionamento com o oponente e que parece sempre prestes a explodir. Para o espectador fica claro, desde os primeiros momentos, que o combate silencioso entre os dois pela posse da alma e do corpo dos demais hóspedes do asilo não poderá terminar bem. A seu favor, Ratched tem o

Jack Nicholson e Will Sampson, líderes da rebelião contra a insensibilidade da enfermeira-chefe, Louise Fletcher, ao lado. Abaixo, a trupe dos maluquetes

Fotos Condor



O falso catatônico Sampson tem importância vital na trama

poder e os meios infalíveis para recondicionar doentes: eletrochoques, drogas, lobotomias.

Ao redor desses dois pólos gravitam o chefe índio que se finge de catatônico (Will Sampson) e que terá importância vital no desenrolar da trama, o jovem gago incapaz de se livrar do domínio materno, o senhor de meia-idade atormentado com a idéia de estar sendo traído pela mulher, e outros, de maior ou menor importância. Uma galeria de personagens com os quais vamos, aos poucos, nos familiarizando, e que seriam cômicos se não fossem trágicos. Essa ambigüidade é reforçada pelo tom que Forman imprime à narrativa, a meio caminho entre a comédia e o drama. Mas mesmo sobre as seqüências mais engraçadas paira uma brisa de melancolia, de amargura mesmo. É como se o riso que o filme evoca fosse, mais do que qualquer outra coisa, conseqüência da incapacidade do homem em poder alterar o rumo dos acontecimentos, impressão que mesmo o final otimista, selado com o signo da liberdade, não consegue desfazer inteiramente.

Um Estranho no Ninho levou os principais Oscar que disputou — filme, diretor, ator, atriz e roteiro (Lawrence Hauben e Bo Goldman) — feito só alcançado, 41 anos antes, pelo célebre *Aconteceu Naquela Noite (It Happened One Night)*, de Frank Capra. Com *Um Estranho no Ninho*, Hollywood mostra que a loucura é um estado de espírito ao alcance de todos.

Paulo Capuzzo

UM ESTRANHO NO NINHO
(One Flew Over the Cuckoo's Nest, EUA, 1975) Direção: Milos Forman. Com Jack Nicholson, Louise Fletcher, Will Sampson, Danny DeVito, Christopher Lloyd. Condor.

* Ruim
** Regular
*** Bom
**** Ótimo
***** Obra-prima

DRAMA

HARLEY ***
(EUA, 1985) Direção: Fred Holmes. Com Lou Diamond Phillips.
Europa.
Jovem rebelde de Los Angeles, cuja característica é sua moto Harley, é enviado a uma fazenda-reformatório do Texas para se reabilitar à sociedade. Drama familiar acima da média.

DESERTO EM FLOR ****
(Desert Bloom, EUA, 1986) Direção: Eugene Corr. Com Jon Voight, JoBeth Williams, Ellen Barkin. 20/20 Vision.
Estréia de diretor formado pela escola/produtora Sundance, de Robert Redford. O cotidiano dolorido de uma família classe média em Nevada, em 1951, às vésperas da era atômica, visto pela filha adolescente. Belo e sensível.

RECORDAÇÕES ***
(The Lost Moment, EUA, 1947) Direção: Martin Gabel. Com Robert Cummings, Susan Hayward, Agnes Moorehead. Republic.
Inspirada adaptação do romance *Aspern Papers*, de Henry James, sobre agente literário que vai à Itália para reunir as cartas de amor de famoso escritor e acaba se envolvendo com neurótica que diz ter acesso a elas.

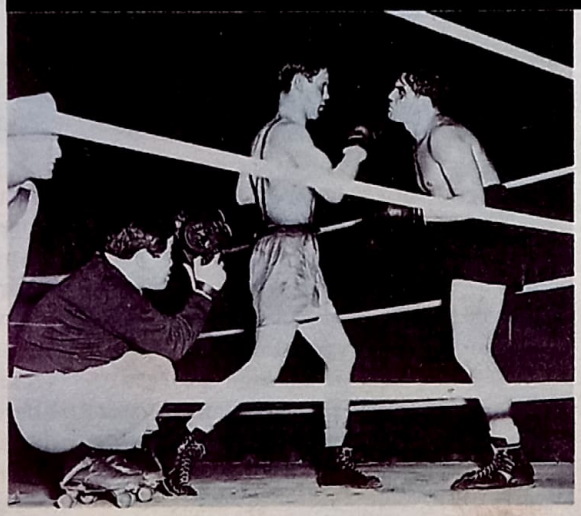
PAIXÃO SOLITÁRIA ***
(The Lonely Passion of Judith Hearne, Inglaterra, 1987) Direção: Jack Clayton. Com Maggie Smith, Bob Hoskins, Wendy Hiller.
América.
Brilhantes interpretações em triste história sobre mulher solteira que, após a morte da mãe, se muda para uma pensão. Lá é constantemente questionada sobre seu alcoolismo e sua devoção à Igreja. Adaptação de romance de Brian Moore.

CULPADO POR SUSPEITA ***
(Guilty by Suspicion, EUA, 1991) Direção: Irwin Winkler. Com Robert De Niro, Annette Bening, Sam Wanamaker. Look.
A estréia do produtor Winkler na direção é uma sincera mas superficial visão do macarthismo. De Niro interpreta consagrado diretor de cinema que vê sua vida ser arruinada por uma suposta ligação ao partido comunista.

QUASE UMA FAMÍLIA **
(Immediate Family, EUA, 1989) Direção: Jonathan Kaplan. Com Glenn Close, James Woods, Mary Stuart Masterson, Kevin Dillon.
LK-Tel/Columbia.
Bom elenco em drama honesto, mas que não consegue superar o melô: casal rico adota/compra uma criança ainda no ventre de mãe com dificuldades financeiras.

BREAKING POINT **
(EUA, 1989) Direção: Peter Markle. Com Corbin Bernsen, Joanna Pacula, John Glover.
Globo Vídeo.
Refilmagem de *36 Horas* (1965), de George Seaton, feita para a TV a cabo. Oficial da inteligência americana é vítima de um complô nazista, que quer convencê-lo de que a Segunda Guerra acabou para obter informações secretas.

DRAMA



James Wong Howe, sobre patins, inovou as tomadas de cena no ringue e orientou os filmes posteriores

CORPO E ALMA ****

(Body and Soul, EUA, 1947)
Direção: Robert Rossen.
Com John Garfield, Lilli Palmer, Hazel Brooks, Canada Lee.
Republic.

Hoje parece natural o enredo de boa parte dos filmes de boxe, em que o herói geralmente não pode ser apenas bom de socos, mas tem que desafiar os cartéis poderosos de gangsters que controlam as apostas. Porém, até *Body and Soul* o assunto era incomum.
Garfield interpreta seu boxeur armado de uma porção de tiques (como ficar erguendo as calças o tempo todo, da mesma forma que faz com os calções no ringue). As lutas perdem em realismo, mas ainda assim o sangue espirra, numa antecipação da sangreira hiperbólica de *Touro Indomável*. O fotógrafo James Wong Howe andou sobre patins no ringue, com uma câmera 16mm, para arrancar ângulos espetaculares dos combates. De fato, a fotografia excepcional acabou, também, orientando as futuras tomadas noir dos filmes de boxe que vieram a seguir.
Mas é Garfield quem garante a dimensão trágica do lutador. Ele mesmo foi fulminado por um colapso depois de depor nas comissões do macarthismo. Outro ator, Canada Lee, que faz um boxeur alcoólatra e perdedor em *Body and Soul*, teve o mesmo destino. A sujeira patriótica daquela época quebrou a cara de Hollywood.

Carlos Volpato

Fotos Republic

UMA CIDADE SEM RUMO ★★★
(Signs of Life, EUA, 1989) Direção: John David Coles. Com Arthur Kennedy, Beau Bridges, Kathy Bates. Look.
Elenco de grandes atores em fábula realista sobre comunidade do Maine que não sabe o que fazer quando uma fábrica de barcos fecha, deixando muitos desempregados.

UM MUNDO DIFERENTE ★★★
(A World of Difference, Suécia, 1989) Direção: Leif Magnusson. Com Adam Kozlowski, Boguslaw Linda. Look.
Drama infanto-juvenil elogiado pela crítica. Filho de pais separados foge do internato onde ficara três anos e reencontra o pai na Dinamarca, o qual vive com outra mulher.

A ÚLTIMA VIAGEM ★★
(Terminal Bliss, EUA, 1991) Direção: Jordan Alan. Com Tim Owen, Luke Perry. Warner.
Espécie de *Abaixo de Zero*, com roteiro de diretor estreante. A história acompanha dois amigos desde a infância em vizinhança nobre às experiências com sexo e drogas. Mas a paixão pela mesma mulher põe tudo a perder.

SONHOS DE OZ ★★
(The Dreamer of Oz, EUA, 1991) Direção: Jack Bender. Com John Ritter, Annette O'Toole. Vídeo Arte.
Produzido por Hanna-Barbera, com roteiro co-escrito por Richard Matheson *(Em Algum Lugar do Passado)*, o filme reconstrói a vida de Frank L. Baum, autor de *O Mágico de Oz*. Curioso.

UMA HISTÓRIA DE AMOR ★★
(A Summer Story, Inglaterra, 1988) Direção: Piers Haggard. Com Imogen Stubbs, James Wilby, Susannah York. VTI.
No começo do século na região rural da Inglaterra, aristocrata londrino se apaixona por camponesa. Pouco surpreendente, mas bela e sensível versão da triste história de John Galsworthy.

Fotos UIP

DRAMA

LOUCOS DE PAIXÃO ★★★

(White Palace, EUA, 1990) Direção: Luis Mandoki. Com Susan Sarandon, James Spader, Jason Alexander, Kathy Bates. CIC.

O que pode aproximar sentimentalmente duas pessoas completamente diferentes? Um tesão tórrido, incontrolável? É exatamente esse desejo que une a garçonete Nora Baker (Susan Sarandon), uma alcoólatra de 43 anos e apaixonadíssima por Marilyn Monroe, e o yuppie Max Baron (James Spader), um viúvo solitário de 27 anos e amante de música clássica.
Aparentemente, essa história já contada várias vezes nada traz de novo, não fossem as excepcionais atuações de Susan e Spader: eles conseguem viver com convicção os dramas dos personagens — Nora perdera o filho adolescente, vítima de overdose; e Max, a jovem e bela esposa num acidente. Entre uma noite bem-transada e o desencontro das diferenças pessoais, o casal tenta provar que o amor é capaz de superar qualquer barreira, desde que se esteja disposto a vivê-lo.

Deborah Peleias

Diferentes mas insaciáveis, Susan e Spader vivem com convicção o desejo e o amor

AVENTURA

CAMINHOS PERIGOSOS ★
(Riding the Edge, EUA, 1990) Direção: James Fargo. Com Raphael Sbarge, Mary Stewart. Europa.
Grupo de terroristas ataca laboratório de alta tecnologia na África e mantém reféns para trocá-los por importantes chips. Fargo dirigiu alguns dos piores filmes de Clint Eastwood.

LUAR DO SERTÃO ★
(Brasil, 1971) Direção: Osvaldo de Oliveira. Com Tonico e Tinoco, Nhá Barbina. Reserva Especial.
Único filme com a dupla sertaneja como protagonista, em história escrita por eles. Cidadezinha vê seu cotidiano tranqüilo ser abalado com a construção de uma estrada. Oliveira dirigiu vários episódios de *O Vigilante Rodoviário*.

ARENA DO TIGRE 2 ★★
(Tiger Cage 2, Hong Kong, 1990) Direção: Yuen Wo Ping. Com Donnie Yen, Cynthia Khan. Europa.
Advogados de Hong Kong "limpam" dinheiro excuso para depósito em bancos americanos. Quando uma mala é roubada, um policial torna-se o principal suspeito. Fita de artes marciais com boa produção e doses de humor.

MANOBRA RADICAL ★★
(Brasil, 1990) Direção: Alberto Salvá. Com Cecil Thiré, José de Abreu, Otávio Augusto, Françoise Fourton. Manchete Vídeo.
Aventura romântica que mostra a viagem de um grupo de surfistas de Florianópolis a Fernando de Noronha. Maior visual, maior astral e ponta de Leila Richers.

O HOMEM ESPECIAL ★★★
(The Gifted One, EUA, 1989) Direção: Stephen Herek. Com Pete Kowanko, John Rhys-Davies, Gregg Henry. 20/20 Vision.
Interessante piloto de série que não se realizou. Quando os pais adotivos de um homem com poderes telepáticos morrem, este põe o pé na estrada em busca de suas origens.

O GRANDE KICKBOXER AMERICANO ★
(American Ninja 4: The Annihilation, EUA, 1991) Direção: Cedric Sundstrom. Com Michael Dudikoff, David Bradley. América.
Dudikoff retorna à série após não ter participado da terceira parte (também dirigida por Sundstrom). Ninjas bons combatem ninjas maus que querem controlar arma nuclear.

COMÉDIA

PEGGY SUE — SEU PASSADO A ESPERA ★★★

(Peggy Sue Got Married, EUA, 1986) Direção: Francis Ford Coppola. Com Kathleen Turner, Nicolas Cage, Maureen O'Sullivan. Abril Vídeo.

Nesse Coppola considerado "atípico", Kathleen é Peggy Sue, uma quarentona separada de Charlie (Nicolas Cage). Ao ser coroada rainha no 25.º aniversário de formatura de sua turma de colégio, Peggy tem um chilique e é transportada inexplicavelmente da década de 80 para os anos 60. De novo com 17 anos, ganha a chance de escapar da frustração do presente e refazer o passado, mexendo no que poderia ser realizado e não foi.
O perfeccionista-mor e megalômano Coppola compõe com bom humor e cores quentes essa viagem retrô, mas sem o tom idealizado que Spielberg produziu para *De Volta para o Futuro*. Em Coppola, a tensão entre um passado em aberto e um presente frustrado, assim como entre o mundo subjetivo e objetivo, não é fácil de ser harmonizada. O *outsider* Coppola vê um passado dissonante e incômodo. Nenhum paraíso, frente à loucura dos 80. Peggy (Kathleen Turner substituiu Debra Winger e foi indicada para o Oscar de melhor atriz, fazendo um dos mais consistentes papéis da carreira) é uma típica personagem de Coppola: uma sonhadora (como o Willard de *Apocalipse Now* ou o Hank de *O Fundo do Coração*) que se engana sempre, nunca rompendo a casca da solidão.

Antonio Querino Neto

Fotos Columbia Tri-Star

Sonhadora e solitária, Kathleen Turner refaz o presente frustrado numa viagem ao passado

AVENTURA NO DESERTO AZUL ★★
(Blue Desert, EUA, 1990) Direção: Bradley Batersby. Com D.B. Sweeney, Courteney Cox, Craig Sheffer. Paris.
Quadrinista é estuprada em Nova York e decide se mudar para o interior, onde se envolve com o policial local e é assediada por um estranho maltrapilho.

NINJA X COBRA — O ENCONTRO MORTAL ★
(Cobra Against Ninja, EUA/Hong Kong, 1987) Direção: Joseph Lai. Com Richard Harrison, Stuart Smith, Gary Carter. Screen Life.
Organização ninja utiliza suas habilidades para enfrentar a todos, inclusive a força policial. Rotina.

FÚRIA MORTAL ★
(Out for Justice, EUA, 1991) Direção: John Flynn. Com Steven Seagal, William Forsythe, Jerry Orbach. Warner.
Policial (Seagal, claro) quer limpar sua vizinhança natal do tráfico de crack.

PODER DE FOGO ★★★
(Firepower, Inglaterra, 1979) Direção: Michael Winner. Com Sophia Loren, James Coburn, Victor Mature. Abril Vídeo.
Elenco de estrelas e

cenas gravadas no Caribe fazem dessa aventura, sobre mulher que procura o assassino de seu marido, uma boa diversão.

DE FRENTE PARA O PERIGO ★★★
(Narrow Margin, EUA, 1990) Direção: Peter Hyams. Com Gene Hackman, Anne Archer. LK-Tel/Columbia.
Refilmagem de *Rumo ao Inferno* (1952), de Richard Fleischer. Policial acompanha e protege uma testemunha de assassinato. O clímax da ação acontece no topo de um trem em movimento, um espetáculo de primeira.

COMÉDIA

CALIFORNIA SUITE ★★★
(EUA, 1978) Direção: Herbert Ross. Com Jane Fonda, Alan Alda, Maggie Smith, Michael Caine, Walter Matthau. LK-Tel/Columbia.
Adaptação de peça consagrada de Neil Simon, sobre quatro situações diferentes em um mesmo hotel. Numeroso e excelente elenco, Oscar para Maggie Smith e trilha sonora jazzística de Claude Bolling.

A GRANDE COMÉDIA ★★★
(The Big Picture, EUA, 1989) Direção: Christopher Guest. Com Kevin Bacon, Jennifer Jason Leigh, Michael McKean. 20/20 Vision.
Diretor de cinema nem bem se forma e já é engolido pelo sistema hollywoodiano. Comédia metalingüística e simpática. Ponta de Martin Short *(Viagem Insólita).*

O CADILLAC AZUL ★★
(Coupe de Ville, EUA, 1990) Direção: Joe Roth. Com Patrick Dempsey, Daniel Stern, Alan Arkin. 20/20 Vision.
Em 1963, três irmãos que não se viam há muito são obrigados a levar o perdido Cadillac do pai de Detroit à Flórida. Bom de se ver, mas previsível.

MINHA FILHA QUER CASAR ★★★
(Oscar, EUA, 1991) Direção: John Landis. Com Sylvester Stallone, Ornella Muti, Don Ameche, Kirk Douglas, Tim Curry. Abril Vídeo.
Produção luxuosa, elenco excelente e bom diretor para comédias *(Trocando as Bolas)* ajudam Stallone a não comprometer filme sobre gângster que tem dificuldades em se endireitar. Refilmagem de um sucesso de Louis de Funés.

O GORDUCHO ★★
(Fatso, EUA, 1980) Direção: Anne Bancroft, Com Dom DeLuise, Anne Bancroft. Abril Vídeo.
Única direção até o momento da excelente atriz Bancroft, com estranhos toques de humor negro não creditados a seu marido, Mel Brooks, sobre as tentativas de emagrecimento de gordo preocupado com a morte de seu primo obeso.

HOTEL DAS CONFUSÕES ★
(Under the Rainbow, EUA, 1981) Direção: Steve Rash. Com Chevy Chase, Carrie Fisher. Warner.
Espiões, agentes secretos e anões se cruzam em um hotel durante as filmagens de *O Mágico de Oz.* Absolutamente sem graça.

LOUCOS DE AMOR ★★★
(Love Happy, EUA, 1949) Direção: David Miller. Com Harpo, Chico e Groucho Marx, Raymond Burr. Republic.
Um dos irmãos Marx arranja belas encrencas ao ser perseguido por criminosos interessados em valioso diamante. Último filme do trio, inferior à sua fama, mas com a novata Marilyn Monroe em uma ponta.

AS COISAS ENGRAÇADAS DO AMOR ★
(Funny About Love, EUA, 1990) Direção: Leonard Nimoy. Com Gene Wilder, Christine Lahti, Mary Stuart Masterson, Robert Prosky. CIC.
Spock dessa vez errou a mão em comédia que não trabalha seus momentos de humor negro e acompanha as confusas desventuras de casal que não consegue ter filhos. Bom elenco feminino.

WATER ★
(Inglaterra, 1985) Direção: Dick Clement. Com Michael Caine, Brenda Vaccaro, Valerie Perrine. VTI.
Comédia tola sobre as dificuldades de governador inglês de uma ilha paradisíaca em controlar a exploração de óleo, uma rebelião local e outras anarquias. Pontas de George Harrison, Ringo Starr e Eric Clapton.

POLICIAL

HOMICÍDIO ★★★
(Homicide, EUA, 1991) Direção: David Mamet. Com Joe Mantegna, Lionel Smith. Top Tape.
Policial dramático e psicológico escrito pelo diretor Mamet *(Jogo de Emoções),* sobre policial que fica dividido entre a lealdade à profissão ou às suas origens judaicas.

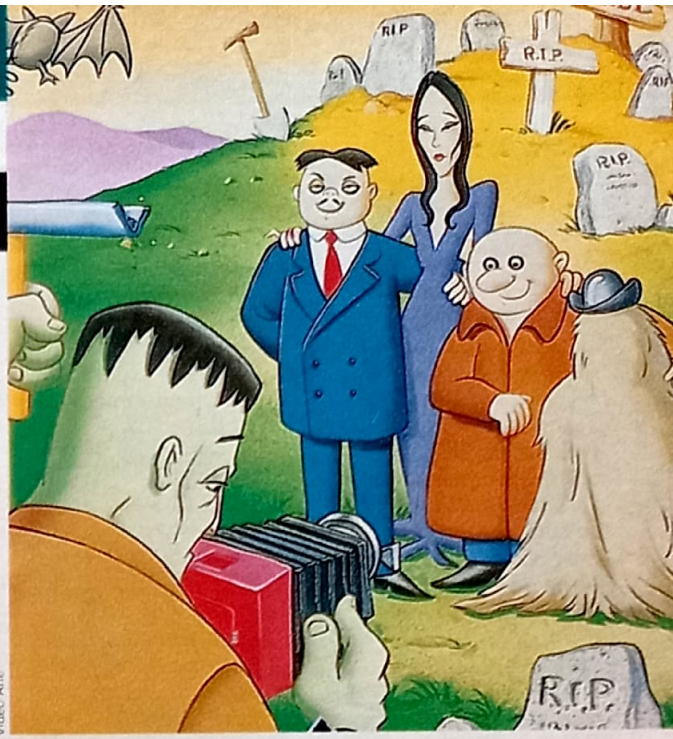
ANIMAÇÃO

A FAMÍLIA ADAMS — A CIDADE DOS FANTASMAS LOUCOS ★★★

(The Addams Family — Ghost Town, EUA, 1973/1975)
Direção: Hanna-Barbera. Vídeo Arte.

Em 1964 estreava na ABC americana, no programa *Saturday Morning*, a comédia de situação *The Addams Family*, criação do então obscuro cartunista Charles Addams — que segundo reza a lenda baseou-se na própria família para criar os personagens. Depois de dois anos de sucessos e brigas de audiência com *The Munsters (Os Monstros)* da concorrente CBS, a Hanna-Barbera animou-se em transpor para o desenho animado a excêntrica Família. Estes quatro episódios datam desta época e foram exibidos (dublados) com grande sucesso aqui no Brasil pela TV Record (quem não se lembra das poções da Vovó ou das loucuras de Tio Chico?). Lançados agora para aproveitar o sucesso do filme nos cinemas, são noventa minutos de pura nostalgia dos desenhos da Hanna e do humor ingênuo e perverso da família mais cruel e charmosa que você já viu.

Marcelo de Castro



A excêntrica Família Addams segundo a versão animada para a televisão americana: nostalgia pura

VIDEOLANÇAMENTOS

UNIDADE ALFA — ESQUADRÃO ANTIDROGAS ★★
(In the Line of Duty: Cop for the Killing, EUA, 1990) Direção: Dick Lowry. Com James Farentino, Stephen Weber, Susan Walters. Transvídeo.
Baseado em fatos reais, o filme acompanha o cotidiano de um grupo de elite que combate as drogas em Los Angeles. Nada de especial, mas com tema vigoroso.

BULLDOG DRUMMOND ★★
(Bulldog Drummond's Revenge/Bulldog Drummond's Peril, EUA, 1937/8) Direção: Louis King, James Hogan. Com John Howard, John Barrymore, Louise Campbell. VTI.
Segunda personificação de herói criado em 1919, um ex-militar britânico que resolve casos pelo puro prazer da aventura. São histórias de cerca de uma hora produzidas pela Paramount. Na primeira, Bulldog persegue gangue de espiões que querem a fórmula de uma bomba secreta. Na segunda, seu casamento é interrompido por um assassinato relacionado com diamantes sintéticos.

O JULGAMENTO ★★★
(Judgment, EUA, 1990) Direção: Tom Topor. Com Keith Carradine, Blythe Danner, Jack Warden. Warner.
Elogiado e tenso filme feito para a TV a cabo sobre família muito religiosa que suspeita que seu filho está sendo molestado pelo novo padre da paróquia. Elenco de primeira linha.

SUSPENSE

ESTRANHOS DESEJOS ★
(Red Wind, EUA, 1991) Direção: Alan Metzger. Com Lisa Hartman, Philip Casnoff. CIC.
Metzger, diretor mais afeito às comédias *(De Volta às Aulas)*, não se deu bem com este thriller envolvendo psicopatas sexuais e muitas sessões de análise. Final muito violento. Feito para a TV a cabo.

O AGENTE SECRETO ★★★
(Secret Agent, Inglaterra, 1936) Direção: Alfred Hitchcock. Com John Gielgud, Peter Lorre, Lilli Palmer. VTI.
Um dos Hitchcock mais incomuns, mistura suspense e humor na história de dois agentes secretos que se fazem passar por marido e mulher para matar espião inimigo na Suíça.

UMA VOZ AO TELEFONE ★★★
(The Fantasist, Irlanda, 1986) Direção: Robin Hardy. Com Christopher Cazenove, Timothy Bottoms. VTI.
Eficiente thriller sobre mulher que se muda para Dublin e é a provável próxima vítima do "assassino do telefone". Momentos calmos são bem intercalados com forte violência.

AGENTE ESPECIAL SCORPIO ★★
(The Scorpio Factor, EUA, 1989) Direção: Michel Wachniuc. Com David Nermann, Wendy Dawn Wilson. Transvídeo.
Agente da Interpol quer recuperar importante microchip roubado, em busca que o levará dos bulevares franceses ao mundo punk de Nova York. Filme modernoso.

DORMINDO COM O INIMIGO ★
(Sleeping with the Enemy, EUA, 1991) Direção: Joseph Ruben. Com Julia Roberts, Patrick Bergin, Kevin Anderson. Abril Vídeo.
Mulher simula sua morte, foge de marido violento e reconstrói a vida em Iowa. Fraco veículo para uma Julia Roberts com os mesmos trejeitos de *Uma Linda Mulher*. Bem dirigido, mas mortalmente previsível.

FICÇÃO

O GAROTO QUE PODIA VOAR ★★★
(The Boy who Could Fly, EUA, 1986) Direção: Nick Castle. Com Jay Underwood, Bonnie Bedelia, Collen Dewhurst, Louise Fletcher. Abril Vídeo.
Fantasia dramática adolescente, fácil de se ver, um pouco inverossímil, mas honesta em suas boas intenções. Uma adolescente se muda para nova vizinhança e faz amizade com garoto muito estranho.

ROCKETEER ★★★
(The Rocketeer, EUA, 1991) Direção: Joe Johnston. Com Bill Campbell, Jennifer Connelly, Alan Arkin, Timothy Dalton. Abril Vídeo.
Bem produzida, mas um tanto infantil, versão do herói dos quadrinhos. Um piloto de carros da década de 30 descobre artefato que o faz voar e lhe possibilita enfrentar um complô nazista. Lembra os seriados de TV da época.

WESTERN

EL DORADO ★★★★

(EUA, 1967)
Direção: Howard Hawks. Com John Wayne, Robert Mitchum, James Caan. CIC.

Realizado na última fase da carreira de Howard Hawks, *El Dorado* é uma espécie de homenagem do cineasta ao seu próprio cinema e a John Wayne, astro de vários filmes dele. O roteiro, escrito por Leigh Brackett, retoma *Rio Bravo*, de 1959. Talvez porque já fosse um setentão na época das filmagens, Hawks caracteriza o xerife J.P. Harrah (Mitchum) e o pistoleiro Cole Thorton (Wayne) como dois heróis do Oeste que tentam manter a dignidade e a rapidez no gatilho apesar da idade e de suas pequenas desgraças. Harrah é xerife na poeirenta El Dorado, que, ao contrário do que insinua o nome, não é nenhum paraíso dos minérios. Thorton é seu amigo de muitos anos, mas mesmo assim não deixa de fazer bicos como pistoleiro. Quando Harrah pede que ele fique do lado da lei para ajudá-lo a manter a ordem na disputa entre dois proprietários de terras, Thorton obedece, mas acaba matando um garoto por acidente. Depois, recebe uma bala perto da espinha, que lhe causa problemas motores. Como se não bastasse, ainda vai ter de ajudar Harrah, que se afoga na bebida para "curar" uma paixão. Mitchum dá um show e, junto com James Caan, faz a graça da história.

Cesar Garcia Lima

CIC

Em homenagem ao cinema, John Wayne protagoniza um herói do Oeste que luta para manter a dignidade

TERROR

POSSUÍDO ★★
(The Arrival, EUA, 1990) Direção: David Schmoeller. Com John Saxon, Michael J. Pollard. Transvídeo.
Velho toma contato com um meteoro recém-caído e rejuvenesce a um preço muito alto: sede de sangue. Que é o que o filme mais tem.

MANSÃO MACABRA ★
(Cthulhu Mansion, EUA/Espanha, 1991) Direção: Juan Piquer Simon. Com Frank Finlay, Brad Fisher. Europa.
Durante uma apresentação, mágico pressente algo ruim. Além de um ataque de foragidos da polícia, forças do além acabam de se libertar. Simon é o mesmo diretor do trash *Lesmas (Slugs).*

FILMAGEM MACABRA ★
(The Black Cat, Itália, 1990) Direção: Lucio Lucidi. Com Urbano Barberini, Caroline Munro. Top Tape.
Mais uma modernização (quase ridícula) de conto de Edgar Allan Poe. Diretor de filmes de terror quer reconstruir a lenda da feiticeira Levana. A produção, porém, será amaldiçoada.

FILHO DO BEM, FILHO DO MAL ★★
(Child of Darkness, Child of Light, EUA, 1991) Direção: Marina Sargenti. Com Brad Davis, Viveca Lindfors, Sela Ward. CIC.
Feito para a TV a cabo, o filme se inspira no livro *Virgin*, de James Patterson, para contar a história, acompanhada de perto pela Igreja, de dois nascimentos de mulheres virgens, um deles podendo ser o do Anticristo.

ANIMAÇÃO

AKIRA ★★★

(Japão, 1988)
Direção: Yoshio Takeuchi e Hiroaki Sato.
Videolar.

Akira não é apenas um ótimo desenho animado, mas um dos melhores filmes de ficção científica criados nos útilmos cinco anos.
A HQ em que o filme foi baseado surgiu em 1982 e é um dos maiores êxitos dos quadrinhos japoneses. Já vendeu mais de três milhões de exemplares no Japão. É publicada também nos EUA, Itália, França, Espanha e Brasil. Esta versão para o cinema advém do sucesso da HQ. Custou 6,3 milhões de dólares e se tornou o desenho animado mais caro já produzido no Japão, onde estreou em 1988.
O herói de *Akira* é Kaneda, líder de uma gangue de adolescentes na Tóquio do século XXI. Esta nova Tóquio está à beira de uma revolução. Nas ruas, grupos de fanáticos religiosos fazem propaganda do apocalipse enquanto, a poucos quarteirões, grupos de oposição enfrentam o Exército, que secretamente desenvolve uma terrível arma. Mas a gangue de Kaneda é indiferente a tudo isso. Seus interesses são anfetaminas, motocicletas e a guerra contra gangues rivais. Até que um deles, Tetsuo, é seqüestrado pelo Exército.
O filme foi criado pelo mesmo desenhista da HQ — Katsuhiro Otomo. Seu trabalho anterior, *Domu*, foi a primeira HQ a ganhar o Science Fiction Grand Prix Award, o mais importante prêmio de ficção científica no Japão. Mas é também uma figura polêmica. Assim como Akira Kurosawa, Otomo é acusado no Japão de ser um autor "excessivamente ocidentalizado".

Rogério de Campos

F.J.Lucas

O herói e líder Kaneda do desenho animado japonês: um dos melhores filmes de ficção científica

CONTOS DA ESCURIDÃO ★★★
(Tales from the Dark Side, EUA, 1990) Direção: John Harrison. Com Deborah Harry, Christian Slater, William Hickey, Rae Dawn Chong. Look.
Melhor filme do Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz'91. São três histórias contadas por garoto que quer evitar ser devorado por bela canibal. Pouca violência, boa produção e algum suspense. No curioso elenco, a presença de David Johansen (o cantor Buster Poindexter).

THE HAUNTED ★★
(EUA, 1991) Direção: Robert Mandel. Com Sally Kirkland, Jeffrey DeMunn, Louise Latham. Abril Vídeo.
Telefilme muito convincente inspirado em best-seller escrito por uma família que narra um caso real de possessão demoníaca ocorrida em sua casa, no subúrbio da Pensilvânia. Do diretor de *F/X.*

WESTERN

UM HOMEM CHAMADO CAVALO ★★★
(A Man Called Horse, EUA, 1970) Direção: Elliot Silverstein. Com Richard Harris, Judith Anderson. Abril Vídeo.
Aristocrata inglês é aprisionado por índios Sioux e tem sua coragem testada por muitas torturas. Papel ideal para os exageros de Harris. Teve duas continuações.

O CAMINHO FATAL ★★
(In Old California, EUA, 1942) Direção: William McGann. Com John Wayne, Binnie Barnes, Albert Dekker. Republic.
Wayne convence como farmacêutico que se muda para cidade do Velho Oeste e é forçado a empunhar armas contra o corrupto "dono" do local. Boa ação sem qualquer novidade.

INFANTIL

SABER RIDER AND THE STAR SHERIFFS 3 ★★
(EUA, 1987) Direção: Frank Cosod. Mundial.
Mais duas aventuras dos heróis futuristas que lembram caubóis. Os vilões Outriders provocam a animosidade entre brancos e índios e criam ouro falso para motivar a discórdia em uma cidade.

REINO DA FANTASIA — OS DEZ MANDAMENTOS ★★
(Original Top Ten, EUA, 1987) Direção: Rick Reinert. Mundial.
Desenho musicado que revela um mundo mágico em que o tempo pára e no qual bichos de pelúcia ganham vida. É só seguir o arco-íris que se vivem aventuras fantásticas.

VIDEOLANÇAMENTOS

BABAR 4 ★★★★
(Babar, Canadá, 1988) Direção: Raymond Jafelice. Mundial.
Dois desenhos de série premiada internacionalmente: no primeiro, o elefante Babar quer reconstruir teatro para a mãe; no segundo, Babar protege garoto fugido de circo. Traços simples em histórias elaboradas.

MEU MONSTRINHO DE ESTIMAÇÃO 4 ★★★
(My Pet Monster, EUA, 1987) Direção: Laura Shepherd. Mundial.
Três histórias do simpático e quase escatológico monstrinho, que sempre enfrenta a Besta, que o quer preso na Terra dos Monstros. Num dos desenhos, a heroína Jill é levada a esse estranho mundo.

ANN & ANDY 2 ★★
(The Pumpkin Who Couldn't Smile/The Great Santa Claus Caper, EUA, 1988) Direção: Chuc Jones. Mundial.
Um dos criadores do Pernalonga dirige dois desenhos dos bonecos de pano que salvam um triste Dia das Bruxas de um garoto e também garantem o Natal ao evitar que um malvado vilão prenda todos os brinquedos em caixa inquebrável.

MUSICAL

HARRY CONNICK JR. & HIS ORCHESTRA — SWINGING OUT LIVE ★★★
(EUA, 1990) Direção: vários. Sony Music.
Registro da ambiciosa turnê do pianista e cantor Connick Jr. realizada no verão de 1990 nos EUA. O Sinatra dos anos 90 interpreta, entre outras, "Avalon" e "It Had To Be You".

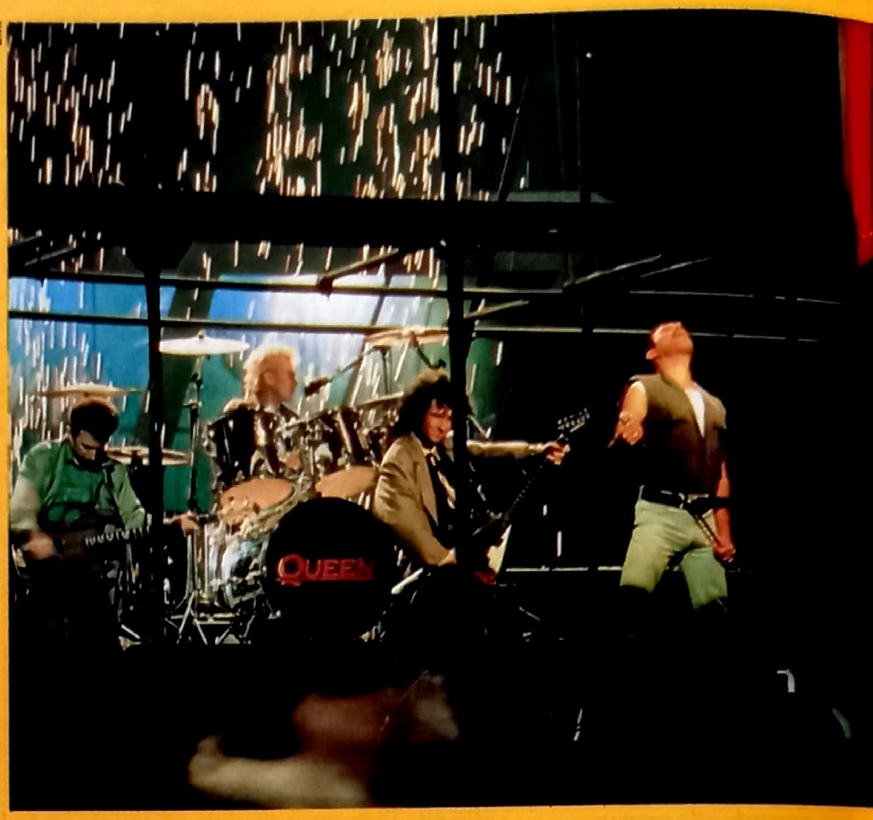
YEVGENY KISSIN IN TOKYO — RECITAL 1987 ★★★
(EUA, 1987) Direção: vários. Sony Music.
O vídeo focaliza bem interpretação e personalidade do jovem pianista russo Kissin (então com 17 anos), interpretando, entre outros, Prokofiev, Liszt e Chopin.

HERBERT VON KARAJAN — HIS LEGACY FOR HOME VIDEO ★★★
(EUA, 1988) Direção: vários. Sony Music.
Última apresentação regida por Von Karajan, tendo como solista o jovem pianista Yevgeny Kissin, comemorando o Ano-Novo de 1988. Peças de Prokofiev e de Tchaikovsky.

OS CONTOS DE HOFFMAN ★★★
(Tales of Hoffman, Inglaterra, 1951) Direção: Michael Powell, Emeric Pressburger. Com Moira Shearer, Robert Rounseville. VTI.
A Royal Phillarmonic Orchestra interpreta a partitura homônima de Jacques Offenbach, em delírio cinematográfico da dupla de diretores de *Os Sapatinhos Vermelhos.* Hoffman relembra seus três últimos amores e a intervenção do Mal. Filme para poucos.

SONHEI COM VOCÊ ★★
(Brasil, 1988) Direção: Ney Sant'Anna. Com Milionário e José Rico, Jofre Soares, Marcélia Cartaxo. Reserva Especial.
Segundo filme da dupla, depois de *Estrada da Vida* (1981), de Nelson Pereira dos Santos, (aqui só produtor) com seu filho estreando na direção. Por causa de um empresário inescrupuloso, a dupla cai em desgraça e é obrigada a recomeçar a carreira do zero.

VIDEOLASER



QUEEN — MAGIC TOUR LIVE — LIVE IN BUDAPEST
(Hungria, 1986)
Formato CLV, 88 min. (duplo). CBS/Sony.
Em 27 de julho de 1986, o grupo Queen (cujo ícone Freddy Mercury faleceu em novembro de 1991) transpôs a barreira da "cortina de ferro" e se apresentou no maior estádio do Leste europeu, em Budapeste. É também o primeiro show de rock filmado pela companhia cinematográfica governamental Mafilm. Dezessete *cameramen* registraram o grupo executando sucessos como "Radio Ga Ga", "We Are the Champions", "I Want to Break Free", "Is This the World We Created".

THE BIG BLUE
(Imensidão Azul, EUA/França, 1988) Direção: Luc Besson. Com Jean-Marc Barr, Jean Reno, Rosanna Arquette. Formato CLV, 118 min. RCA Columbia.
Cult entre nadadores e mergulhadores. Apesar da história meio melosa, as aventuras do mergulhador Jacques Mayol, considerado o melhor de sua categoria principalmente pela intimidade com o mundo aquático, são bem contadas. A bela fotografia é um bom programa em videolaser.

SINGIN' IN THE RAIN
(Cantando na Chuva, EUA, 1952) Direção: Gene Kelly, Stanley Donen. Com Gene Kelly, Debbie Reynolds, Donald O'Connor. Formato CLV, 103 min. MGM/UA.
Com coreografias impecáveis, canções para lá de românticas e performances inesquecíveis, *Cantando na Chuva* é daqueles filmes que sempre constam das listas de obras-primas cinematográficas. Videoteca imprescindível, é uma lição de como se faz um musical.

RAGING BULL
(Touro Indomável, EUA, 1980) Direção: Martin Scorsese. Com Robert De Niro, Cathy Moriarty, Joe Pesci, Frank Vincent. Formato CAV, 128 min. The Voyager Company.
Eleito por muitos críticos como o melhor filme dos anos 80, *Touro Indomável* traz um Robert De Niro vinte quilos mais gordo e perfeito no papel do boxeur Jake La Motta. Bela fotografia em preto-e-branco com pequenos detalhes em cor, nesse Martin Scorsese inspirado, que deu a De Niro o Oscar de melhor ator.

Todos esses títulos são importados, já que ainda não existem lançamentos de videolaser no Brasil. Podem ser encontrados nas lojas de discos e grandes magazines.

REVISTA AÇÃO GAMES

A REVISTA DO FERA

TUDO SOBRE MASTER SYSTEM, MEGA DRIVE, NINTENDO, PORTÁTEIS E PC.

- Estratégias • Dicas
- Lançamentos nacionais/internacionais.
- SOS Games • Recordes
- E o exclusivo Ação Games Clube

EDITORA AZUL

TODOS OS MESES NAS BANCAS

AVANT-PREMIÈRE

Brincando nos Campos do Senhor

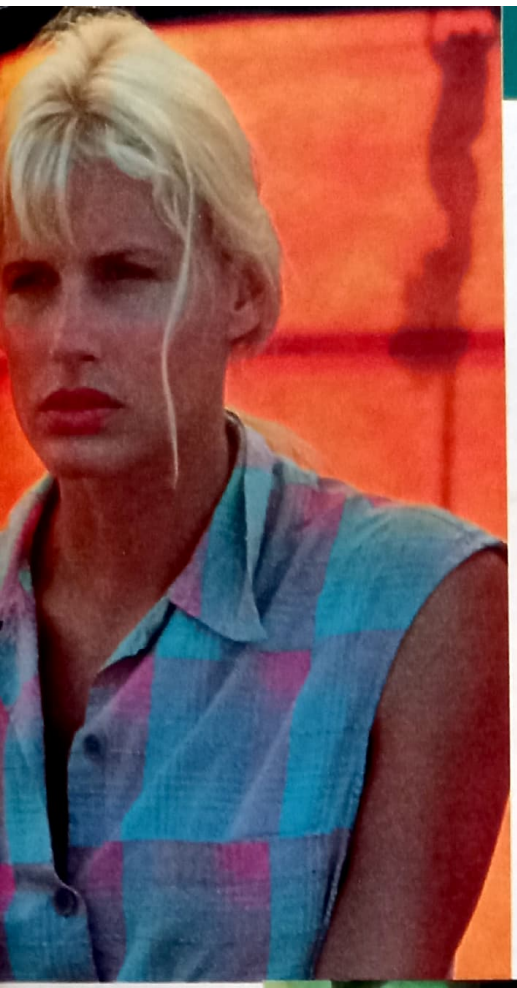
Índios da Amazônia aparecem tanto quanto missionários americanos no novo filme de Hector Babenco

"A selva é um elevador", diz Hector Babenco, suando em bicas por conta de uma jaqueta de couro que veio de Nova York para fazer bonito nas entrevistas de TV, mas que não se encaixa nas temperaturas de mais de 30 graus de que Los Angeles é pródiga, mesmo no final do outono. "Você não tem aqueles panoramas vastíssimos do deserto, como Bertolucci em *O Céu que nos Protege* — você ali só arma a câmera e pronto, tudo é lucro. Mas a selva, não. Você está fechado entre quatro paredes de verde, umidade, troncos. É claustrofóbico. Qualquer idéia romântica sobre as qualidades épicas da Floresta Amazônica se desfaz no momento em que se está lá — e tentando filmá-la."

Talvez os americanos — que, através de Saul Zaentz, um dos maiores e mais respeitados produtores independentes dos Estados Unidos *(Amadeus, Um Estranho no Ninho, A Insustentável Leveza do Ser)*, financiaram e produziram *Brincando nos Campos do Senhor* com um generoso orçamento de 30 milhões de dólares — tenham idéias românticas acerca da Floresta Amazônica. Talvez eles já as tivessem há 25 anos, quando Peter Mathiessen, o quindim da cena literária *beatnik* de Nova York, escreveu esta saga cult que já antecipava tantos temas dos anos 90, do desmatamento ao choque cultural: afinal, o livro é a jornada de um americano, Lewis Moon, que descobre seu verdadeiro eu na selva amazônica, depois de vários goles de auhasca, e simplesmente troca a civilização pelo convívio com a fictícia tribo niaruna.

Talvez sejam estas mesmas idéias românticas que estejam interferindo na apreciação do filme que Babenco — um diretor definitivamente não americano, e certamente não romântico — fez a partir do livro. A sua selva, embora não o "elevador" que ele descreve, também não é a pradaria lírica de *Dança com Lobos* — ou o inferno desconhecido e inóspito de *Apocalypse Now* ou *Platoon*: é um ser vivo, um gigante indiferente à vida humana, uma entidade que fala e estremece e enche a tela com uma força espantosa para um público acostumado a imagens mais domesticadas. Os índios de Babenco também não passearam por Rodeo Drive nem são anjos ecológicos: são seres humanos da idade do bronze, perfeitamente capazes de crueldade, indiferença, loucura e paixões, acuados por forças que não conhecem nem compreendem. E os americanos, enfim, não são heróis: os missionários (John Lithgow, Daryl Hannah, Katty Bates e principalmente Aidan Quinn, numa interpretação extraordinária) são arrogantes como só os americanos sabem ser — arrogantes ingênuos, absolutamente cegos quanto ao mundo ao seu redor; o piloto mercenário Wolf (Tom Waits) é um oportunista que não tem o que dizer ou o que fazer; e Lewis Moon (Tom Berenger), o piloto mestiço de índio que se reencontra na selva, é uma vítima das circunstâncias, um ser indeciso e atormentado por demônios que nunca consegue de todo exorcizar. "Era isso sobretudo que eu queria mostrar na cena final", diz Babenco. "Que ele não tem saída. Que ele não vai conseguir se desligar do que ele realmente é."

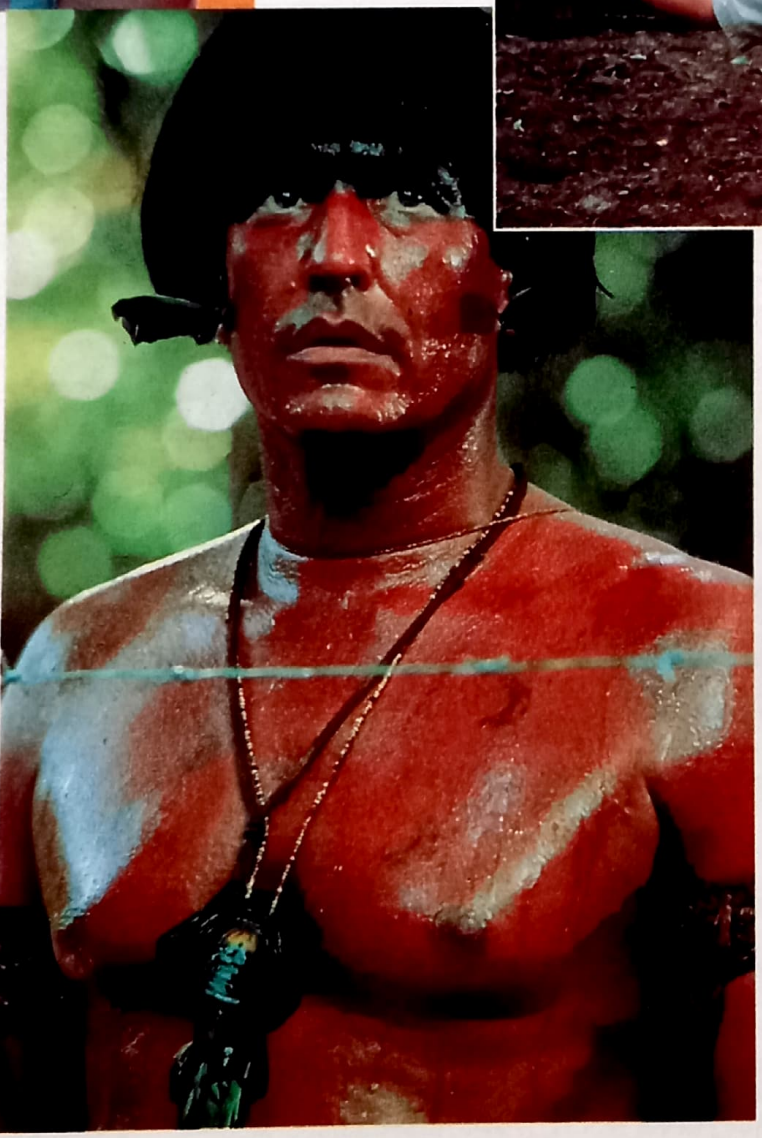
Isto não é exatamente um prato de fácil digestão para uma América que acredita piamente que *soirées* beneficentes e shows de Sting estão salvando a Floresta Amazônica. *Brincando...* tem sido recebido com um coletivo coçar de cabeças da crítica americana, dividida entre um entusiasmo quase espantado pela "brutal energia criativa, técnica, que o filme revela" *(Hollywood Reporter)* e um desconforto quase palpável pela reflexão cultural que ele exige. No comentário mais revelador desse desconforto, Kenneth Turan, do *Los Angeles Times*, reclamou que as índias eram "impossivelmente bonitas", que os personagens americanos eram "caricatos" e que Babenco, por não ser americano e não falar inglês "fluentemente" "não



sabe dirigir atores americanos. (Entre muitas outras coisas, lhe escapou obviamente o fato de que os atores brasileiros — especialmente José Dumont como o comandante Guzman, um chefete local a quem interessa o extermínio dos índios, e Stênio Garcia como Boronai, o cacique niaruna — estão brilhantes no filme.)

Na verdade, uma forma da crítica americana evitar abordar o aspecto mais interessante e perturbador de *Brincando nos Campos do Senhor* — o fato de Babenco ter tornado o filme, nas suas palavras, "não a história de um bando de americanos no Brasil, mas uma história do Brasil, e do que um bando de americanos quer fazer com ele" — tem sido maravilhar-se com o gigantesco desafio técnico que o filme representa. Numa espécie de *Heart of Darkness* contemporâneo, o filme de Babenco parece ser, para os americanos, um hino à resistência do homem branco em situações inóspitas. Hollywood às margens do rio Guamá: duas locações inteiras (a missão e o vilarejo Mãe de Deus) construídas (sobre palafitas, para não interferir no meio ambiente) no coração da selva! Uma aldeia indígena recriada! Astros e estrelas americanos vivendo meses a fio não apenas no estrangeiro, no Terceiro Mundo, mas na Floresta Amazônica!

Daryl Hannah e John Lithgow (à direita) como missionários na Amazônia: cegos quanto ao mundo ao seu redor



Tom Berenger como o mestiço de índio americano: reencontro na selva

Fotos Phil Bray, The Saul Zaents Co

É uma tentativa de ver "exótico" — o único código pelo qual a cultura americana consegue ler o que lhe é estrangeiro — onde não há exótico. "Exótico" seria seguro, tranqüilo: *Brincando nos Campos do Senhor* não é seguro nem tranqüilo, tem mais de três horas de duração (embora provavelmente se beneficiasse de um corte de uns vinte minutos) e dá tempo de tela igual (ou maior) tanto a Boronai e seus niarunas (falando, com legendas, uma língua fictícia engenhosamente elaborada pela pesquisadora Marlui Miranda) quanto a John Lithgow e seus missionários. "Foi inconsciente, mas agora eu vejo que tinha um propósito", diz Babenco. "Toda vez que o Jean Paul (Carriere, roteirista) vinha com o texto eu dizia: 'Mas e os índios, os índios, ponha mais índios'. Acabei resolvendo na hora de filmar, filmando muito mais material na maloca, e deixando tudo que podia no filme. Acho que era minha forma de dizer qual história eu realmente queria contar."

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

SET

Garotos de Programa

A viagem do diretor-revelação Gus Van Sant pelos subterrâneos das drogas e da prostituição

Imagine a cara do executivo quando o diretor Gus Van Sant chegou para propor um filme baseado na idéia que havia tido, passeando pelo *bass fond* de Hollywood durante a madrugada: um filme sobre meninos de programa. Mas não um filme romântico e glamourizado como *Uma Linda Mulher*, e, sim, uma jornada sombria pelos subterrâneos do espírito humano a partir de uma radiografia do purgatório de drogas e solidão em que vive o personagem principal da história, Mike Waters, prostituto narcoléptico e sem lar que desmaia e delira toda vez que sofre estresse. E que é homossexual. Isso tudo não é exatamente a combinação favorita da indústria de cinema na hora de escalar os temas que podem render bem na bilheteria.

Por outra, talvez não tenha sido nesses termos exatos que Gus — saído de um hit cult nada ortodoxo, o elogiadíssimo *Drugstore Cowboy*, premiado em 1989 pela National Society of Film Critics — propôs *Garotos de Programa*. Talvez ele tenha usado o mesmo argumento dado em entrevistas recentes, ao explicar que o roteiro emprestava um quê de Shakespeare, mais precisamente os discursos de *Henrique IV, Parte I*. Provavelmente não alardeou um importante recurso da narrativa — a montagem de cenas misturando seqüências de realidade com os delírios de Mike, lado a lado, ou uma dentro da outra, levando o espectador a ficar na cabeça do garoto nos momentos de lucidez e durante todas as visões interiores. Talvez tenha oferecido, a favor de sua proposta, um orçamento modesto — menos de três milhões de dólares, metade do que Julia Roberts ganha *por filme* — e dois astros potenciais com um belo "apelo de marquise": River Phoenix (para o papel de

Mike) e Keanu Reeves (como o melhor amigo de Mike: Scott, rico, de família nobre, filho do prefeito).

Possivelmente nunca se saberá como se desenrolaram essas negociações. O fato é que o filme foi feito, entrou em cartaz e rendeu mais do que custou — 3 700 milhões de dólares — e a boca dos detratores de Gus calou rapidinho.

"Está certo que o investimento desse filme partiu de empresas sediadas em Hollywood", disse Van Sant dias depois do lançamento de *Garotos de Programa*, "mas esse não é um filme de Hollywood. E a história que o filme conta não é uma história *típica* de Hollywood".

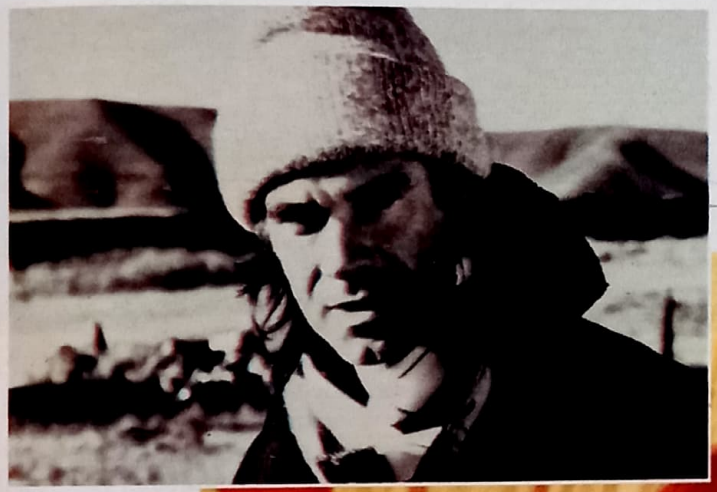
Esse filme era o que Van Sant define como "o projeto dos meus sonhos", e, portanto, ele dificilmente jogaria a toalha antes de tentar realizá-lo, mesmo com tanta polêmica em torno do tema — embora Gus enfatize não se tratar de "um filme gay" — e com a maneira violenta com que parte da imprensa reagiu à inclusão de *Garotos de Programa* nos currículos de Keanu Reeves e River Phoenix que, contudo, levou o Leão de Ouro como melhor ator no último Festival de Veneza.

Agora Keanu pode estar fazendo piadas sobre seu papel no filme — "Durante a 'pesquisa' que fizemos para o papel acabamos ganhando uma grana por fora", uma referência ao ofício carnal de seu personagem, "mas demos toda a grana que ganhamos para instituições de caridade" (risos) —, mas durante a produção ele não admitia sequer comentar as possíveis pesquisas ou o "trabalho de campo" que poderia ter feito para se preparar para o papel. "Não precisei chupar pau, se é isso que você queria saber", vociferou Reeves quando entrevistado para a revista do prestigioso American Film Institute.

"Esse não é um filme sobre a vida de rua da comunidade gay", explica River Phoenix, "embora eu ache ótimo para os gays terem algo com que se identificar. É um filme sobre pessoas vivendo vida de pessoas. Por que reduzir o raio do filme a um tema gay? Por exemplo, nunca li alguém se referir a *Cada um Vive como Quer (Five Easy Pieces)* como sendo sobre um *heterossexual* que vai trabalhar num poço de petróleo, entendeu? Quem sabe, daqui a um tempo, o tema sexual passe a ser desimportante, ou passe a ser uma coisa natural."

José Emílio Rondeau

My Own Private Idaho, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Gus Van Sant ■ Com River Phoenix, Keanu Reeves, James Russo ■ ROTEIRO: Gus Van Sant ■ FOTOGRAFIA: Eric Alan Edwards e John Campbell ■ MÚSICA: Reinhard Stergar, Robert Marts, Jan Cyr, Jon Huck ■ PRODUÇÃO: Laurie Parker para a New Line Cinema ■ DURAÇÃO: 102 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar



Gus Van Sant, ao alto, dirigiu os "garotos de programa" Phoenix e Reeves numa história atípica de Hollywood, mas premiada em Cannes

Fotos Flashstar

Fotos Warner

BILLY BATHGATE

Filme de gângster sem foco central e sem vontade de ser filme de gângster

Essa adaptação do best-seller de E.L. Doctorow chegou às telas americanas cercada de intriga e escândalo. Com o orçamento para lá de estourado, lançado com um atraso de três meses em relação ao cronograma inicial, *Billy Bathgate* teria marcado uma cisão profunda entre o diretor Robert Benton e seu astro principal, Dustin Hoffman — com quem trabalhara antes em *Kramer x Kramer*. O próprio Hoffman, dias antes da première do filme, dizia a quem lhe desse ouvidos que não gostava do filme. Além disso, como se não bastasse, Bruce Willis também trabalhava no filme — e o pobre Bruce, hoje em dia, é considerado o maior pé-frio de Hollywood. Junte a isso o fato de o filme ter sido produzido pelos estúdios Disney (através da subsidiária Touchstone) — e em Hollywood todo mundo adora odiar a Disney, principalmente quem já trabalhou em algum de seus filmes — e você conseguirá compreender um pouco da má vontade com que *Billy Bathgate* foi recebido pela crítica.

Procurou-se defeito em tudo, e muitas das vezes os problemas eram fáceis de detectar: não havia um foco central; a história enfatizava, alternadamente, as questões relativas a cada um dos três personagens principais, sem dar tempo ou argumento à platéia para sequer se importar com cada um deles; e, o mais curioso, aqui estava um filme de gângster que não sabia se estava com vontade de ser um filme de gângster.

De quem o cineasta estava, realmente, querendo falar? De Billy (Loren Dean), o aspirante a contraventor que consegue ser aceito na gangue de Dutch Schultz (Dustin Hoffman)? De Schultz, criminoso paranóico dos anos 30, que gradualmente vai sendo corroído pela competição da Máfia italiana (Dutch era judeu)? De Drew Preston (Nicole Kidman), dondoca do *society*, que vira amante de Schultz e Billy (e tem um hábito inexplicado de aparecer em cena sem calcinhas) depois que o amante anterior (Bruce Willis) é punido por traição à gangue? Do triângulo amoroso formado pela família disfuncional criada pelo relacionamento entre

O triângulo amoroso Nicole Kidman, Loren Dean e Dustin Hoffman, que não gosta do filme

Schultz, Billy e Drew?

Não é um projeto fracassado, como querem fazer crer os patrulhinhas anti-Disney. Pelo menos salva-se ver Hoffman dando olé toda vez que surge, conseguindo brilhar até mesmo num diálogo em que sua escada é um Bruce Willis bastante perdido. E destaca-se o veterano Steven Hill, como o gênio financeiro da gangue, Otto Berman: é talvez o personagem mais forte de todo o filme.

José Emílio Rondeau

Billy Bathgate, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Robert Benton ■ Com Dustin Hoffman, Nicole Kidman, Loren Dean, Bruce Willis ■ ROTEIRO: Tom Stoppard, baseado no livro de E.L. Doctorow ■ FOTOGRAFIA: Nestor Almendros ■ MÚSICA: Mark Isham ■ PRODUÇÃO: Arlene Donova e Robert F. Colesberry para a Touchstone Pictures, em associação com a Touchwood Pacific Partners I ■ DURAÇÃO: 106 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

UM GOLPE DO DESTINO

William Hurt veste avental de cirurgião arrependido

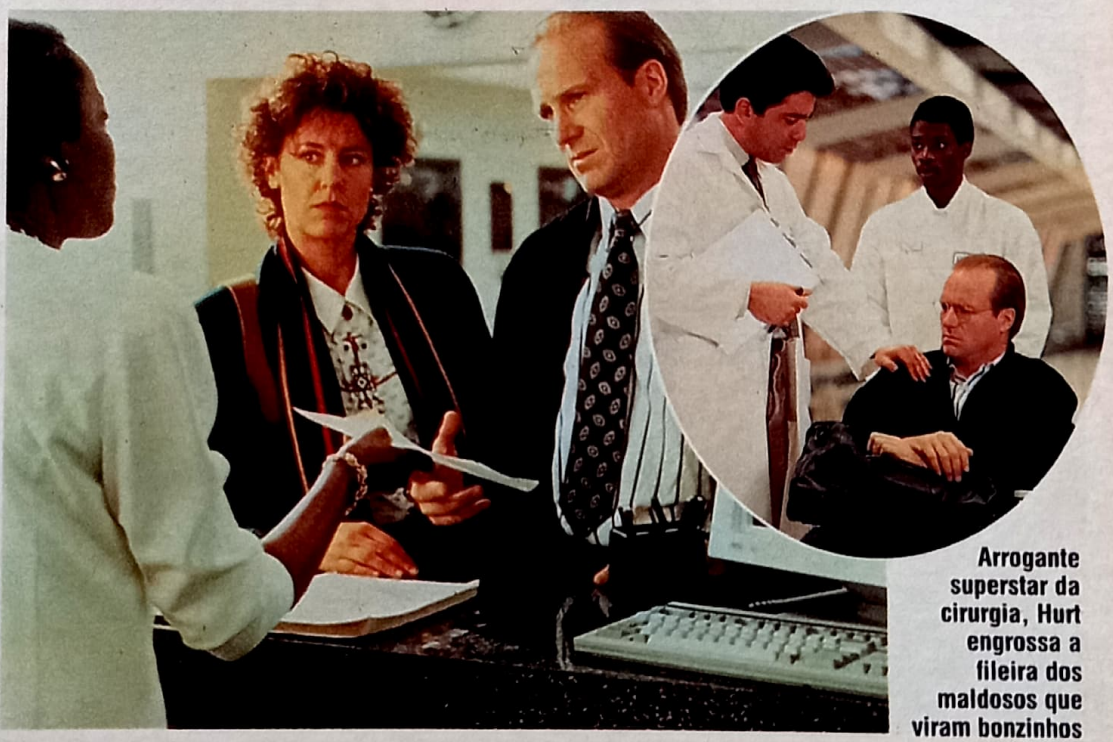
Cá está mais um dos filmes de "redenção" que partiram de Hollywood, ao longo de 1991, como se fossem um único e interminável *mea culpa* proferido por um setor da humanidade que passou batido pelo finalzinho do Segundo Mandamento: "Não mais venerarei o dinheiro e o carreirismo; não pisarei os que me cercam para atingir meus objetivos pessoais e profissionais; reencontrarei minha essência humana básica", pareceram dizer *Uma Segunda Chance*, *City Slickers*, e esse *Um Golpe do Destino*.

Arrogante cirurgião superstar (William Hurt) ignora mulher dedicada (Christine Lahti) e o filho único carente, destrata seus pacientes e faz pouco dos colegas. Até que ele mesmo, atingido por um câncer na garganta, passa a provar um pouco de seu próprio remédio. De cara com a morte, o dr. MacKee reavalia seus valores, seu caráter e suas prioridades, sempre com a ajuda da sabedoria de June (Elizabeth Perkins), paciente terminal que ele conhece na clínica onde faz tratamento de quimioterapia. A certa altura da narrativa, o dr. MacKee — antes dado a cantar, dançar e a contar piadas grosseiras enquanto operava um paciente — obriga os estagiários sob seu comando no hospital a passar pelo menos um turno vivendo a vida de um paciente.

Nos Estados Unidos teve quem elogiasse a "coragem" do filme em lidar com temas tão "profundos", como a "mortalidade, a compaixão e a responsabilidade social" (conforme a resenha publicada no *The Hollywood Reporter*). Mas, na vida real, a "profundidade" desse *Um Golpe do Destino* está mais para lenço de papel do que para Phd de Filosofia. Mesmo Hurt não consegue evitar o desconforto que se sente quando o filme apela para golpes baixos e sai-se com curas miraculosas, mortes emocionantes e discursos embrulhados em clichês.

José Emílio Rondeau

The Doctor, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Randa Haines ■ Com William Hurt, Christine Lahti, Elizabeth Perkins ■ ROTEIRO: Robert Caswell, baseado no livro de Ed Rosenbaum ■ FOTOGRAFIA: John Seale ■ MÚSICA: Michael Convertino ■ PRODUÇÃO: Laura Ziskin para a Touchstone Pictures, em associação com a Silver Screen ■ DURAÇÃO: 125 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



Fotos Warner

Arrogante superstar da cirurgia, Hurt engrossa a fileira dos maldosos que viram bonzinhos

PARA ELES COM MUITO AMOR

O retorno aos palcos do magnetismo de Bette Midler

Recém-saída de uma fase de sucesso anêmico no cinema — culminada com o lacrimoso e chatíssimo remake de *Stella Dallas* e a desastrosa dupla com Woody Allen em *Cenas de um Shopping* —, Bette Midler recorreu a uma dobradinha aparentemente infalível para dar a volta por cima: chamou o diretor Mark Rydell — o mesmo de *A Rosa*, pelo qual Midler foi indicada para um Oscar de melhor atriz em 1979 — e voltou a fazer na tela o que melhor faz, cantar. No novo *Para Eles com Muito Amor* ela é Dixie Leonard, uma cantora desconhecida catapultada para a fama quando seu primo, o roteirista Art Silver (George Segal), a convida para fazer dupla com o cantor-sapateador-comediante Eddie Sparks (James Caan) numa turnê de apoio às tropas americanas estacionadas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Instantaneamente, a dupla dá muito certo (no palco) e vira coqueluche nacional.

Se tivesse concentrado suas baterias no lado showbiz da história, Rydell poderia ter reabilitado com louvor o filme musical clássico. Os números de dança e canção devem pouco ou nada ao que se via nas telas durante os anos áureos de Hollywood — época, aliás, que o início do filme muito bem reproduz. Mas o objetivo de *Para Eles com Muito Amor* é mais ambicioso e, por isso, mais difícil de se atingir. Usando a carreira da dupla como fio condutor, Rydell pretende contar a história dos Estados Unidos através de cinco décadas e três guerras — com ênfase dada às atitudes da nação diante de inimigos e questões diversas, do nazismo ao Vietnã.

Já não seria moleza explorar tanto terreno numa minissérie de cinco capítulos. No par de horas deste longa é praticamente impossível. O melhor que se consegue fazer aqui para tentar diferenciar o entusiasmo pró-democracia e o antinazismo dos anos 40 das duvidosas razões de ser da guerra do Vietnã é sacrificar o filho capitão de Dixie, depois de a mãe entoar uma balada dos Beatles para uma tropa atônita.

Outra observação politizada que não funciona 100% é a menção à lista negra criada em Hollywood durante os anos McCarthy — por causa de suas convicções políticas, Art (que nome sutil,

Convidados para entreter as tropas americanas, Bette e Caan viram coqueluche nacional e acabam vivendo um breve e amargo romance

Fotos Fox

Arte), o autor responsável pelas ótimas piadas de Eddie, é demitido na noite de Natal por Sparks, quando os patrocinadores de seu programa de TV fazem pressão. Não se diz, tampouco, o que aconteceu entre a demissão e a posterior recontratação de Art — que retorna ao posto anos depois como se nada tivesse acontecido.

Não se explora a contento outro veio potencialmente fértil — o relacionamento longevo entre Sparks e Dixie, que inclui um breve e amargo romance. Conclui-se pouco do confronto final, durante uma reunião/homenagem, a não ser que Dixie, aparentemente, viveu sozinha desde a morte do marido na Segunda Guerra Mundial.

Mas tantos problemas de narrativa, enfoque e estrutura não são capazes de ofuscar o magnetismo de Bette Midler, em forma exuberante como cantora e comediante — sim, o filme também é engraçado, e muito, principalmente nas seqüências do show de TV da dupla. James Caan surpreende como Sparks — tão à vontade e natural que parece nascido na tradição de *vaudeville*, em que se criou seu personagem.

Só não se explica, entretanto, o amadorismo da maquiagem aplicada nos astros principais para enfatizar a passagem de cinqüenta anos. Em vez de octogenários, eles parecem E.Ts.

José Emílio Rondeau

For the Boys, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Mark Rydell ■ Com Bette Midler, James Caan, George Segal, Patrick O'Neal ■ ROTEIRO: Marshall Brickman, Neal Jimenez e Lindy Laub ■ FOTOGRAFIA: Stephen Goldblatt ■ MÚSICA: Dave Grusin ■ PRODUÇÃO: Bette Midler, Bonnie Bruckheimer e Margaret South para a All Girl ■ DURAÇÃO: 145 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Nick Nolte se apaixona por Barbra Streisand num drama brega

Columbia Tri-Star

O PRÍNCIPE DAS MARÉS

Dramalhão no melhor estilo de novela mexicana

Você confiaria numa analista com cara de Snoopy, biquinho de starlet à guisa de expressão de sarcasmo e superioridade e propensa a sublinhar seus pontos de vista exibindo as unhas?' Tom Wingo (Nick Nolte), o sulista que parte em socorro da irmã suicida residente em Nova York, desconfia, em princípio, da dra. Susan Lowenstein (Barbra Streisand), médica encarregada da recuperação psíquica da tal irmã. Mas em pouco tempo, Wingo se apaixona por ela, põe em xeque seu casamento (já em frangalhos), destranca pesadelos pessoais esquecidos na poeira do tempo, destapa o caldeirão de emoções pretensamente ocultas por uma máscara humana risonha e invulnerável, tudo no espaço de três ou quatro sessões com a dra. Lowenstein.

Descontado o fato de que *O Príncipe das Marés* baseia-se num livro best-seller, o filme que nele se inspira é um embuste. Em Hollywood, esse "profundo drama humano" ganha contornos de epifania para alguns: há quem saia do cinema crente que acabou de realizar uma importantíssima auto-investigação intelectual-espiritual-filosófica. No fundo no fundo, acabou de emergir de um dramalhão brega digno de telenovela mexicana.

José Emílio Rondeau

The Prince of Tides, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Barbra Streisand ■ Com Nick Nolte, Barbra Streisand, Blythe Danner ■ ROTEIRO: Pat Conroy e Becky Johnston, baseado na novela de Pat Conroy ■ FOTOGRAFIA: Stephen Goldblatt ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ PRODUÇÃO: Barbra Streisand e Andrew Karsch para a Barwood/Longfellow ■ DURAÇÃO: 132 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

UM DIA, UM GATO

Cult tcheco discute moralismo através do olhar de um felino

Fábula cromática, um verdadeiro cult *made in* Leste europeu, dirigido por Vojtech Jasny (cineasta tcheco, estabelecido na Alemanha após a invasão soviética), foi bastante popular nos circuitos alternativos brasileiros, após a consagração européia que o laureou com o Prêmio Especial do Júri em Cannes, entre outros.

O narrador, um velho contador de casos, apresenta com um binóculo os membros de uma típica cidadezinha tcheca onde se destaca um independente e sincero professor que se opõe ao autoritário e hipócrita diretor da escola, dado a perseguir secretárias e caçar aves para empalhá-las em seguida. A partir daí, a trama se arma na concretização de uma história (realidade ou ilusão?) contada pelo velho: um mágico chega trazendo uma linda trapezista chamada Diana e um gato de óculos. O olhar feiticeiro do bichano dá às pessoas a cor de seu caráter. Assim, os ladrões ficam cinzas; os infiéis, amarelos; os falsos, violetas; e os amantes, como o professor e a trapezista, vermelhos! O olhar do gatinho, que não mente, introduz um pandemônio na comunidade oprimida pelo "camaleônico" e mau-caráter diretor. Todos perdem as máscaras diante do inoportuno bichano.

Toda essa parafernália moralizante, que inclui grandiloqüentes coreografias, assume hoje um tom ingênuo e maniqueísta demais para os olhos de quem se habituou à temática das cinematografias ocidentais. Mas sua revisão é divertidíssima, sobretudo pela curiosa e antiga técnica de cores e pelo tom indisfarçadamente ideológico dessa "fantasia". Os tchecos, pouco antes de terem seus sonhos "empalhados" pelos tanques soviéticos após a Primavera de Praga, exibem seus conflitos em engraçadas "metáforas": numa das seqüências, o diretor (o vilão da história) após repreender o rebelde professor que acredita nas verdades de cada um e não na "Verdade" oficial, grita e adverte o insolente rapaz que errou de corredor, entrando no lado esquerdo: "À direita!"

Antonio Querino Neto

Az Prijde Kocour, Tchecoslováquia, 1963 ■ DIREÇÃO: Vojtech Jasny ■ Com Vlastimil Brodsky, Jiri Sovac, Jan Werich ■ ROTEIRO: Vojtech Jasny e Jiri Brdecka ■ FOTOGRAFIA: Jaroslav Kucera ■ MÚSICA: Svatopluk Havelka ■ PRODUÇÃO: Smida Fikar para a Filmove Studio Barrandov ■ DURAÇÃO: 107 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Filmes do Estação

O gato feiticeiro arma o maior pandemônio cromático já visto

ENTRE AMIGOS

Trintões mal resolvidos discutem o sentido da vida

Pandora

Entre uma farra e outra, os crianções dão chance para suas mulheres

Cascas-grossas, prepotentes e egocêntricos, são qualificações no mínimo bondosas para o quinteto de trintões Al (Mantegna), Eliot (Malkovich), Dennis (Bacon), Ray (Olin) e Vinny (Spiridakis). Inseparáveis, eles vivem no bairro nova-iorquino Queens desde que nasceram, não respeitam nem a mulher do próximo, quanto mais suas próprias. Na verdade, são uns crianções mimados e inseguros, embora divertidos, às vezes, que procuram um sentido para a vida.

Entre Amigos é uma tentativa do diretor Steve Rash em retomar o enredo de *O Reencontro*, de Lawrence Kasdan, mas, ao contrário, realizou uma comédia romântica que tem lá seus momentos.

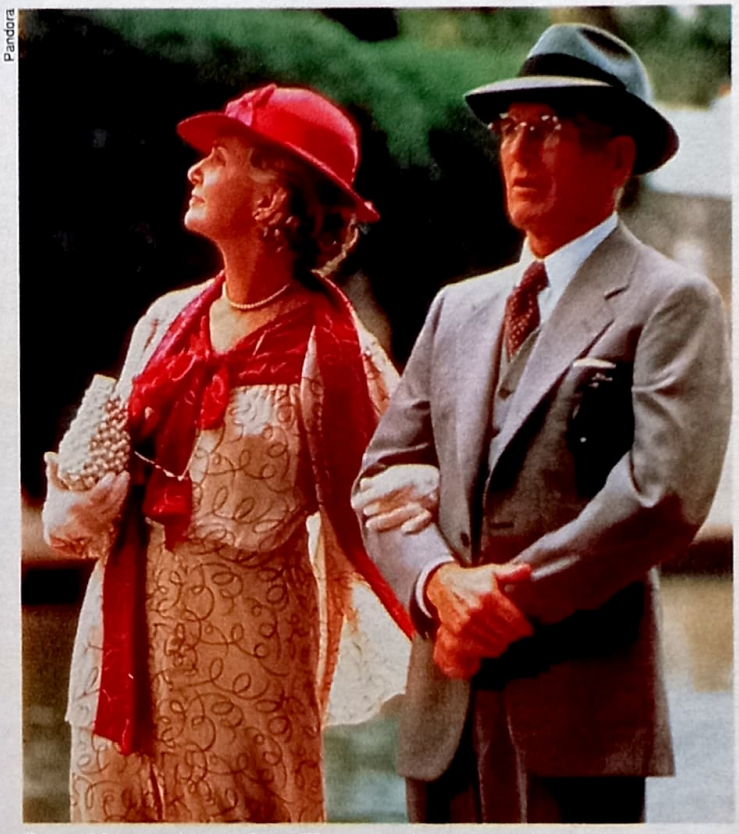
Deborah Peleias

Queens Logic, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Steve Rash ■ Com Joe Mantegna, Linda Fiorentino, John Malkovich, Kevin Bacon, Tom Waits, Jamie Lee Curtis ■ ROTEIRO: Tony Spiridakis ■ FOTOGRAFIA: Amir Mokri ■ MÚSICA: Joe Jackson ■ PRODUÇÃO: Oken/Russ Smith para a New Line Cinema of a New Vision ■ DURAÇÃO: 112 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

MR. E MRS. BRIDGE — CENAS DE UMA FAMÍLIA

Melodrama é compilação do que o cinema cansou de mostrar

Pandora



Os problemas do casal se diluem em interpretações melodramáticas

Quem ainda não assistiu um filme que trate, de maneira "tocante", a desagregação de uma típica família de classe média americana nos anos 50, irá se regalar com *Mr. e Mrs. Bridge*. Nem a dupla principal (o casal Paul Newman e Joanne Woodward, indicada para o Oscar em 91 por este papel) salva este melodrama de ser mera compilação de situações e personagens que o cinema já cansou de mostrar. O casal de meia-idade é um retrato exemplar do que a união matrimonial representou para aquela geração. O marido que viveu em função da carreira, a mulher que dedicou sua vida a ele e aos filhos. Estes só poderiam ser a filha mais velha que deixa o lar para tentar a carreira de atriz, a irmã mais nova que acaba cometendo um "deslize" e se casa precocemente, e o caçula que rejeita a superproteção materna e vai servir à pátria.

O diretor James Ivory deveria continuar esmiuçando os dilemas afetivos de jovens aristocráticos. Ele já foi bem mais atraente em adaptações literárias que exigiam reconstituição de época. Em *Mr. e Mrs. Bridge*, a elegância de filmes anteriores *(Uma Janela para o Amor, Maurice)* se dilui, ambientando interpretações melodramáticas e invernizando cenas cotidianas.

Lorena Calabria

Mr. and Mrs. Bridge, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: James Ivory ■ Com Paul Newman, Joanne Woodward, Sandra McClain, Margaret Welsh ■ ROTEIRO: Ruth Prawer Jhabvala ■ FOTOGRAFIA: Tony Pierce-Roberts ■ MÚSICA: Richard Robbins ■ PRODUÇÃO: Merchant Ivory/Robert Halmi Production para a Miramax ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Tamanho É Documento

As crianças fazem cinema. Apesar das peraltices, levam a coisa a sério. Ao contrário de Peter Pan, elas querem ser grandes

Posando de Rambo doméstico, Macaulay Culkin estourou a bilheteria com *Esqueceram de Mim*

Já se foi, e há muito, o tempo em que se mandava a criançada brincar lá fora, no quintal. Hoje, ao menos nas telas, elas vêm conquistando espaço e marcando presença cada vez mais. Os produtores de Hollywood estão com um sorriso daquele tamanho, afagando o queixo e contabilizando os lucros polpudos das bilheterias.

Pouco original, o cinema do momento bebeu na fonte da publicidade de televisão ao investir cada vez mais em longas que parecem estar vendendo utensílios domésticos, serviços bancários e produtos enlatados pela mão da petizada. Em geral, a canastrice infantil é uma coisa aceitável pela crítica e platéia porque afinal de contas é engraçado — quando não levemente patético — assistir um ator mirim com cacoetes de gente grande. A fórmula edulcorada diverte adultos e as próprias crianças, que a cada geração parecem estar mais espertas que os pais. O fato é que estamos vivendo esses tempos em que Macaulay Culkin, 11 anos, o ator mirim cara-de-pau de *Esqueceram de Mim**, é ídolo de muita gente. Nessa comédia, ao defender sua casa de dois assaltantes otários, ele age como um pequeno cientista doméstico com excesso de inteligência e coragem para sua idade. A precocidade divertida de *Esqueceram* foi arquitetada por John Hughes e deu certo. Contudo, os produtores estão levando Macaulay longe demais. Descobriram a mina de ouro e agora querem tirar o que podem. Em *Meu Primeiro Amor (My Girl)* ele deixa de lado as traquinagens

de *Esqueceram de Mim* para se envolver num romance com uma belezinha da sua idade. Ele ainda usa óculos que lhe dão aquele aspecto inocente de um Woody Allen menor. Qual será seu próximo papel, o de um pequeno líder sindical?

"Vinde a mim as criancinhas" é a palavra de ordem de Hollywood. O diretor John Hughes, que tanto trabalhou com adolescentes *(Clube dos 5*, Curtindo a Vida Adoidado** ou *Ela Vai Ter um Bebê*)* resolveu partir pra cima da garotada. Depois de descobrir um menino, ele aparece com uma menina, a *petite* Alisan Porter, que interpreta Curly Sue em *A Malandrinha*. Ao contrário de Macaulay ela não é a protagonista da ação, mas é o elemento de graça que dá apoio à interpretação de James Belushi, seu pai na história, e Kelly Lynch, facilitando o colóquio amoroso dos marmanjos.

Uma criança na tela sugere união, ou evidencia a desunião familiar, ou o abandono, mas é sempre um fator de recuperação. Ela está todo o tempo indicando a inocência perdida do adulto, embora ela mesma nem sempre seja inocente. Essa sacada não é recente. Em 1921, quando Charles Chaplin dirigiu e atuou ao lado do garotinho Jackie Coogan no clássico *O Garoto (The Kid)*, ele sabia que iria levar multidões ao riso e às lágrimas ao mesmo tempo. Coogan foi a primeira criança superstar da história do cinema, e Chaplin, pioneiro com o trabalho infantil, deixou a porta aberta para que a indústria cinematográfica explorasse o filão.

Nem sempre o cinema tentou capturar esse lado puramente sentimental e imediatista, cujo gosto atende muito mais ao paladar dos Estados Unidos do que da Europa. Os americanos apreciam crianças precoces. A primeira menina megastar foi Shirley Temple, que, com a idade de 6 anos, atuava como um adulto, dançava com a segurança de um Gene Kelly e ainda cantava (mal). Ganhou até um Oscar especial em 1934. Muitos anos depois, o inglês Alan Parker prestaria uma homenagem aos delirantes anos 20 dirigindo *Bugsy Malone — Quando as Metralhadoras Cospem** (1976). Junto a um elenco exclusivamente infantil, Parker introduz a então garotinha Jodie Foster num musical que caricaturiza os gangsters e no qual as armas disparam bolas de chantilly.

London Features International

Chaplin lançou Jackie Coogan, o primeiro garoto superstar do cinema, em *O Garoto* (1921). Shirley Temple foi a primeira menina megastar

SEM INOCÊNCIA — Contudo, existem obras que tratam o período infantil com a tormentosa fase em que começamos inevitavelmente a crescer. Os *Incompreendidos (Les Quatre Cents Coups*, 1959), obra-prima e primeiro filme de François Truffaut, apresenta o personagem Antoine Doinel, vivido pelo explosivo Jean-Pierre Léaud aos 12 anos, alter ego do diretor. A infância aqui é cheia de privações, mas o herói forçadamente amadurecido mantém uma atitude de coragem diante da vida. Um possível correspondente feminino à sinceridade do personagem de Truffaut talvez possa ser o de Tatum O'Neal em *Lua de Papel (Paper Moon*, 1973), de Peter Bogdanovich. Tatum, com 9 anos, catalisa a moral que falta em seu pai (o próprio Ryan O'Neal), que usurpa a boa fé alheia. A pequena Tatum tenta intuitivamente dar um ar de respeitabilidade à situação e ainda fuma um cigarrinho. Apesar de introspectivos, os papéis de Jean-Pierre Léaud e Tatum O'Neal registraram momentos de integridade e charme. Mas nem sempre essa forma existencialista de colocar a câmera através do ponto de vista infantil conseguiu sobriedade, lucidez ou pelo menos leveza. *Cría Cuervos** (1975), de Carlos Saura, é um exemplo, no qual a atriz Ana Torrent de 9 anos interpreta um papel de esquizofrênica muito longe de uma criança padrão. Também pudera, a mãe morre de câncer, ela culpa o pai por isso e fica obcecada por vingança. Já em 1955 o diretor Ladislao Vajda dirigiu o clássico *Marcelino Pão e Vinho**, em que chegou perto da idéia de crucificar Pablito Calvo, o ator. Ao nascer, ele é abandonado nas escadas de um monastério, vive entre monges e dá comida a uma estátua de Cristo.

Felizmente, ao tratar o drama petistil, o cinema consegue registrar instantes de poesia menos duros. Os pequenos podem até ser vítimas de circunstâncias cruéis mas ainda assim conseguem preservar o jeito de criança. O garoto Ingemar (Anton Glanzelius) em *Minha Vida de Cachorro**, do diretor Lasse Hallstrom, encarna um personagem positivo e natural. Quando sua mãe fica seriamente doente e ele é obrigado a viver com o tio, não tenta atingir os adultos e nem ao menos interfere em seu próprio destino. Ele se integra no novo universo e abre-se a novas experiências. Seu colega inglês, o ator Sebastian Rice Edwards, que vive o garoto Bill sob o céu da Inglaterra bombardeada na Segunda Guerra Mundial, em *Esperança e Glória** (de John Boorman), tem o mesmo espírito brincalhão. Para Bill guerra faz parte da vida, e não precisa necessariamente ser uma coisa chata. Um colega de Bill sintetiza o humor negro de *Esperança e Glória* quando agradece a Hitler pela bomba alemã que destruiu sua escola. Já o francês Julien Quentin (Gaspard Manesse), de *Adeus Meninos** *(Au Revoir les Enfants)*, embora compartilhe da mesma desdramatização da guerra, tem um gosto mais apurado para a literatura e a reflexão. Na França de 1944, bombardeada pela presença alemã, o jovem personagem autobiográfico de Louis Malle divide com um colega de colégio o prazer de *As Mil e Uma Noite* e

Em *Esperança e Glória*, Sebastian Rice Edwards brinca com a guerra

Columbia Tri-Star

Retna Pictures

Tatum O'Neal, em *Lua de Papel*, impõe um certo respeito ao pai

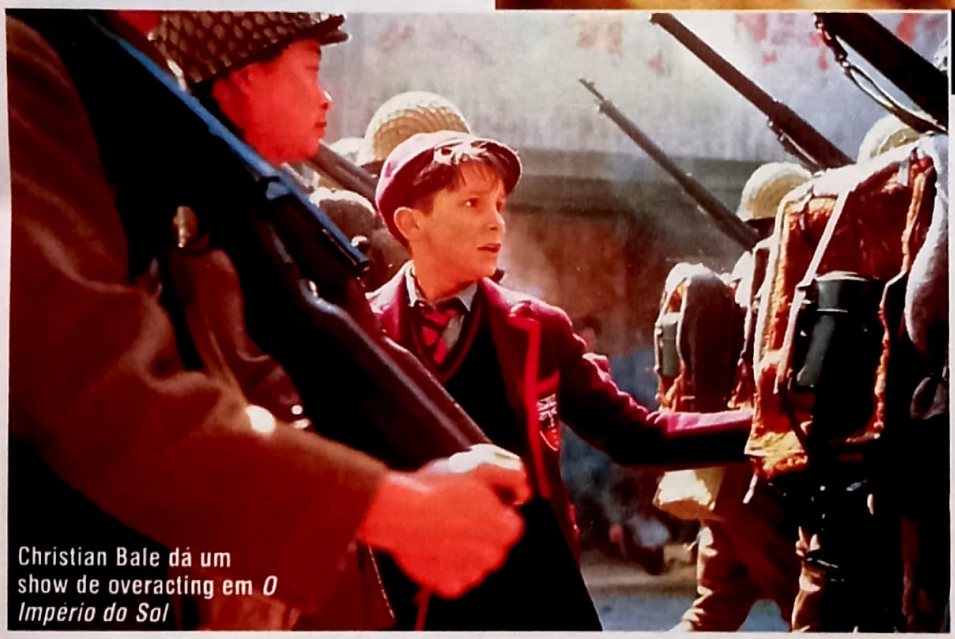
F.J. Lucas

Parecem gente grande: Tallulah (Jodie Foster) e os gangsters Fat Sam e Bugsy discutem a mesa em *Bugsy Malone*

as observações do mundo adulto.

Por outro lado, o inglês almofadinha interpretado por Christian Bale em *O Império do Sol**, de Steven Spielberg, dá um show de overacting passando a perna em Macaulay Culkin. Perdido na Xangai invadida pelos japoneses também durante a Segunda Guerra, o garoto vai para um campo de concentração, insinua lições de moral aos adultos, canta como soprano e chora como gente grande. Pois são raros os casos em que uma interpretação natural e espontânea alcança um bom resultado. O mestre do horror Tom Holland conseguiu tal façanha ao dirigir Alex Vincent de 6 anos em *Brinquedo Assassino**. "Brincar com bonecos dá nisso aí", parece querer dizer a história ao colocar Chucky, o boneco assassino na órbita do garoto. Andy Barclay (Alex) consegue ser herói sem nenhum outro artifício que não seja

Com jeito de garoto de rua em *O Pestinha*, Michael Oliver é um capeta em forma de guri



Christian Bale dá um show de overacting em *O Império do Sol*

sinceridade e intuição. E por falar em terror no reino infantil, que tal a possuída e esverdeada Linda Blair no *Exorcista** de William Friedkin?

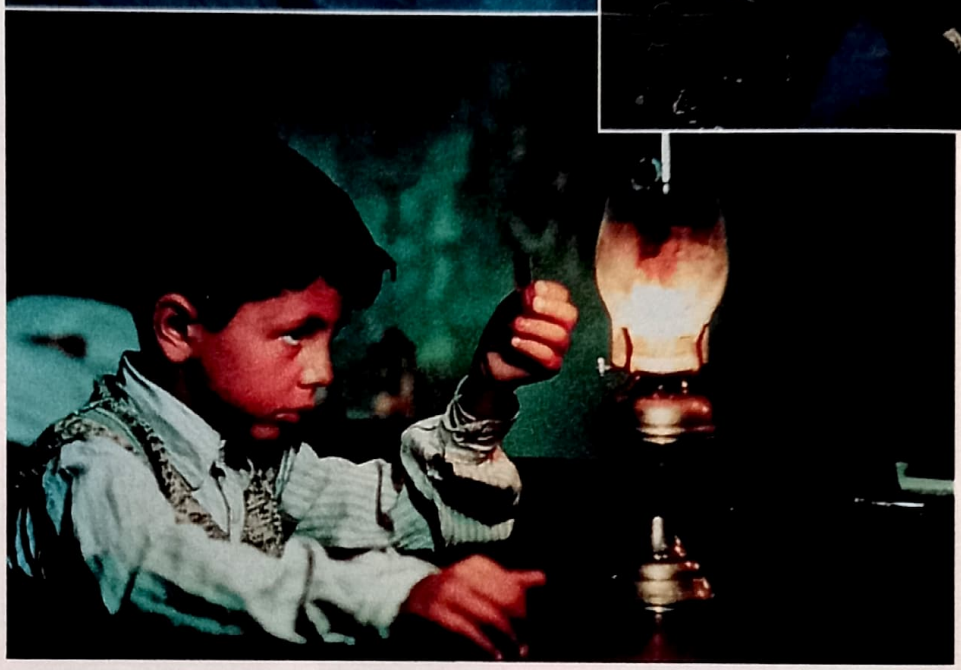
O anseio da indústria do cinema americano em conquistar amplas platéias mistura criança-capeta com pastelão. O resultado está em *O Pestinha**, no qual Junior Healy (Michael Oliver) topa com tortas voadoras, desastres em cadeia e adultos idiotizados. E para comprovar que a receita rende bons dólares, os produtores colocaram Michael Oliver ao lado de outra capetinha, a guria Ivyann Schwan, em *O Pestinha 2*. Quem sabe, se no caso de um *O Pestinha 3*, os produtores arranjem mais um pestinha, somando-se três, em progressão geométrica de acordo com as continuações.

PROGREDINDO — Nada contra a maldade natural dos guris. Em alguns filmes isso até funciona como elemento de destaque da narrativa. É o caso da comédia *Meu Tio**, de Jacques Tati, ele mesmo vítima daquele garotinho, filho de sua irmã, que sempre visita. Ou então aquele guri no filme de Roman Polansky, *Armadilha do Destino** *(Cul de Sac)*, que risca discos na vitrola, chuta a canela dos adultos e acaba ganhando um satanão. Tapa que remete, aliás, à perversa cena de *O Inquilino*, também de Polansky, no qual o próprio, interpretando um homem à beira da loucura, esbofeteia um garoto que esbraveja num parque ao perder o controle de seu barquinho no lago. Polansky colocou em seu personagem o que muitas pessoas em alguns momentos de suas vidas já sentiram vontade de fazer diante de uma situação em que o choro, o grito ou a impertinência infantil conseguem tirar um adulto do sério.

Como coadjuvantes de tramas intrincadas, as crianças podem abrilhantar a narrativa. O garoto de *O Exterminador do Futuro 2*, apesar de uma ponta de presunção, é o personagem que orienta Arnold Schwarzenegger na busca do oponente e resgate de sua mãe perseguida. Como o garoto testemunha-chave do assassinato em *A Testemunha**, ele não suplanta o protagonista. Neste filme de Peter Weir, Harrison Ford apóia-se naquilo que o garoto pode lhe fornecer de pistas para desvendar um assassinato.

Crianças interpretando a infância de personagens em relatos biográficos costumam revelar muito melhor o caráter do personagem. Através do jeito calmo e olhos perscrutadores do pequeno monarca de *O Último Impera-*

Fernando Ramos da Silva, em *Pixote*, tem cara de brasileiro. Já Edward Furlong é um herói do primeiro mundo, em *O Exterminador 2*



*dor** temos indícios da opressão da vida aristocrática que o personagem adulto interpretado por John Lone viria a ter. Também em *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore, o pequeno Salvatore Cascio, interpretando Toto, nos diz muito mais sobre a história do cineasta adulto de 40 anos que é contada do que o perfil do homem já formado. Toto é curioso, fala pelos cotovelos, sente alegria pela vida despojada e ama o cinema. Quando entra o adulto, o filme parece que perde a graça. Woody Allen, por exemplo, retrata a si mesmo quando garoto em *Um Assaltante Bem Trapalhão**, seu primeiro filme em que ele revela uma grande nostalgia pela própria infância. Allen deve ter sido aquele moleque sardento com cara de sonso que sempre apanha dos outros na rua, tem seus óculos pisoteados e ainda é um observador crítico do comportamento dos maiores.

O garoto mais importante produzido pelo cinema do Brasil tem a cara do povo brasileiro — *Pixote**, de Hector Babenco, que mostra a vida bandida e miserável de um menor abandonado. É também um dos filmes mais festejados no exterior. A nossa cara.

A televisão também é uma grande disseminadora de pequenos heróis. Um dos precursores foi o diligente cabo Rusty (Lee Aaker) e seu inseparável cão pastor alemão Rin-Tin-Tin a serviço da 101ª Cavalaria americana na série *As Aventuras de Rin-Tin-Tin* — em 164 episódios produzidos pela ABC entre 1955 e 1959. Numa atmosfera mais familiar, Mickey Dolenz viveu o garoto Corky em *O Menino do Circo (Circus Boy)*, série produzida em 1956-1958 pela NBC/ABC. No relato, o garoto perde os pais e é adotado pelo dono do circo, vivendo as aventuras da vida mambembe. Sonhos dos meninos de outrora. Anos depois, Mickey Dolenz viria a ser o baterista dos *Monkees*, sonho dos adolescentes de outrora.

Mas, sem dúvida, o mais célebre guri de todos os tempos televisivos foi Billy Mumy interpretando Will Robinson na clássica série *Perdidos no Espaço*, produzida pela CBS entre 1965 e 1968. Extremamente sério, ele era um minicientista brilhante, por vezes assumindo o comando da nave espacial. A arrogância de Will talvez não passasse impune por Roman Polansky, se fosse possível imaginar tal encontro, mas Billy Mumy entrou para a história e nunca mais fez nada de tão notório além de participar das 83 horas de episódios espaciais filmados.

Com certeza, as crianças continuarão aparecendo na tela com mais freqüência. A julgar pela progressão em que estão sendo inseridas nos planos dos produtores, haverá papel para todas. Figuração infantil já era e os textos decorados são mais longos. Agora elas são protagonistas e interpretam personagens cômicos, dramáticos, de ação etc. A competição com os atores adultos fica estabelecida, os cachês sobem mas em compensação os cinemas fazem mais filas. A razão: todos gostam de criança. A platéia aplaude e ainda pede bis, a platéia só deseja ser feliz.

Walter de Silva

SET

* Disponível em vídeo.

Em *Cinema Paradiso*, Salvatore Cascio gosta de cinema e perguntas. Billy Mumy, em *Perdidos no Espaço*, gostava de ciência e ação

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Redator-Chefe: Carlos Volpato
Redação: Deborah Peleias (editora assistente), Dilson Pedro Gomes (editor executivo), Walter de Silva
Produtor Gráfico: Marcelo de Castro
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Colaboradores: Texto - Antonio Querino Neto, Christian Petermann, Cesar Garcia Lima, Fatima Gigliotti, Lorena Calabria, Paulo Capuzzo, Rogério de Campos. **Arte -** Jair Fanas. **Atendimento ao Leitor:** Jean Pierre Verdaguer. **Fotografia -** Rui Mendes, Ivan Carneiro. **Revisão e Preparação de Textos -** Marcos Antonio Gimenes

PUBLICIDADE

Gerente: Rosangela Cassilio
SP-Contato: Ana Maria S. T. Lobo
RJ-Contato: Mônica Campos
Coordenador: José Soares A. Santos, Wladimir Xavier de Almeida

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO
Diretor: Rogério Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamim S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Departamento de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex: (011)83178, Fax: (011) 813-9115, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, S. 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a materia. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Circulação desta revista: **fevereiro/92. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Distribuida com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel.: (011) 823-9222.

ANER IVC

Fotolito: Repro S.A. Estúdio Gráfico
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET CINEMA A VÍDEO EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Música e Ídolos

HIT
Música, e Mercado e Negócios

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundos dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, s. 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486.
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 (FAX)
Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

18 h.
sábado
CINE
2000
"AS TRILHAS MAIS
DO QUE SONORAS
DO SEU RÁDIO"
BRASIL
2000
FM 107,3
SÃO PAULO
apoio cultural:
REVISTA
SET
CINEMA & VÍDEO

Versão Moderna

Cada vez menores, os equipamentos de vídeo têm acabamento e recursos mais sofisticados

JVC

ANO NOVO, PEQUENA NOVA

A JVC começa o ano novo cheia de novidades. A melhor delas é a minicâmera GR-AX15UM, VHS compacta. De simples operação e à prova de erros, a câmera tem recursos sofisticados: lentes de ampliação de 8x, motorizadas, que aproximam os objetos sem necessidade de deslocamento, foco automático completo e macronizado até mesmo a uma distância de 1,5cm, tracking digital que ajusta imagens já gravadas, dando nitidez sem ruídos e distorções, sensibilidade de apenas 1 lux, que permite gravações em ambientes sem iluminação e visor eletrônico inclinável de 180 graus. US$ 1 870 (em janeiro).

LEVINHAS

CCE

Investindo na linha dos portáteis, a CCE lança o TVP-6, televisor de 5,5 polegadas, 20x23x20cm em dois quilos, bem mais leve que os antigos modelos (TVP-7 de 6 polegadas e TVP-5 de 4,5 polegadas). Em preto-e-branco, com rádio AM/FM, gravador, pode ser ligado no acendedor de cigarros do carro, tem voltagem com chave seletora de 110/220V, antena telescópica e entrada para externas, saída para fones, sintonia em VHF e UHF. Apesar do TVP-6 ser prático, a melhor opção continua sendo o TVP-7, que tem as mesmas opções com um adendo vencedor — em cores. Produzido em Manaus, custa US$ 95 (preço de lançamento em janeiro).

Sharp

A HERDEIRA

Depois de dois anos liderando as vendas no mercado das camcordes, o modelo VL-L170B vai ser substituído. A Sharp lança a nova camcorder VL-L310B, que tem tudo para continuar o sucesso da irmã mais velha. O design não sofreu muitas modificações, o formato Full Size segue as mais recentes técnicas ergométricas mundiais, acomodando-se anatomicamente aos ombros. A diferença está nos recursos ampliados, como o Jetzoom de 12x instantâneo e o zoom de velocidade variável, reprodução dupla Pal-M/NTSC, iluminação mínima de 2 lux, que permite filmagens com baixa iluminação, foco automático, função macro, obturador de alta velocidade, revisão de gravação, rec rewind, função *insert*, dublagem de áudio e três sistemas de alimentação. Tudo isso em 2,4 quilos, ao preço, nas lojas, entre US$ 1 230 e 1 315 (em janeiro).

Sony

UNIFICADO E IMPORTADO

Já está nas lojas o MDP 405 GX da Sony (Mult Disc Player), importado, que sintetiza os disc lasers existentes no mercado. É compatível com o laservídeo, que reproduz o som e imagem, e também os CDs de três polegadas e vinte minutos de música. O MDP possibilita o sorteio de faixas e o processamento do som, tem onze velocidades para exibição de imagens, efeitos com memorização quadro a quadro, conectores de áudio e vídeo, entrada S para TVs de alta definição e para fone de ouvido, controle remoto multifuncional, sistema de cores NTSC, alimentação ajustável, dimensão aproximada de 430x 115x420mm (L.A.P.) em oito quilos. Preço: US$ 1 050 (em janeiro).

ATENÇÃO
LOCADORAS !!!

QUALQUER PARTE DO PAÍS.

AUMENTE SUA RENDA COM CUSTO ZERO.

COLOCAMOS DISCOS, K-7'S E CD'S EM CONSIGNAÇÃO NA SUA LOJA
FAZEMOS AMPLA COBERTURA PUBLICITÁRIA

DISC WIDE DANCE

Interessados enviar carta para Av. João Dias, 1560 - Sto. Amaro - SP. cep. 04724. Colocar estrutura da Locadora, número de associados e funcionários, mts. 2, qtde. de fitas, tempo de contrato de locação, número de telefone e outros dados que julgarem necessários para serem analizados.

IRIS VIDEO
R. AURORA, 291 — 1.º A. S/11
STA. EFIGÊNIA — SP
TEL. (011) 220-0704/222-7063
FAX: (011) 223-1573

Gerador de caracteres *VEG 8000*
Com 3 funções, caracteres, efeitos e logotipos.
TRANSCORDER TR 3100
ACESSÓRIOS. Cabos RF, Cabos Gold, Fitas VHS, Fitas SVHS e muito mais. Confira.
AV PROCESSOR - Efeitos. Posterizer, Solarizer e Mosaico - Áudio com 3 saídas.

REVISTA
SET
CINEMA & VÍDEO

PARA ANUNCIAR
LIGUE
(011)8147211
RAMAIS
221 a 228

CARTAS

Edição Gostosa

Como leitor assíduo que sou desta magnífica revista, gostaria de parabenizá-los pela excelente edição n.º 12, ano 5. A revista está gostosa, com destaque especial para as reportagens, de Ana Maria Bahiana, sobre *A Família Addams* e a "caça" ao Oscar 92 e as entrevistas com Demi Moore e Steven Spielberg. Também maravilhosa é a matéria sobre Freddy Krueger, de José Emílio Rondeau. Bem, resumindo, a edição de SET está um show de beleza.
Charleston Antonio Oliveira
(Bom Despacho — MG)

Columbia Tri-Star
Anjelica

Constatei que a seção Cartas da edição n.º 12, ano 5, de SET, está dividida em dois grupos distintos de leitores: os que adoraram e os que odiaram a mudança da revista. Me coloco no primeiro grupo e acho que a edição com a Família Addams na capa (n.º 12, ano, 5) é realmente um exagero de beleza e conteúdo. É a mais bela capa da revista até então. A matéria com o genial Frank Capra, os filmes de Roberto Carlos, a avant-première de Wim Wenders, Spielberg, os filmes de fim de ano nos EUA e o Natal Trash merecem aplausos.
Cristiano Soares da Silva
(Recife — PE)

SET no Fundo do Poço

Parabéns, SET... Vocês conseguiram o que parecia impossível: piorar o que já era para lá de ruim! Acompanho a revista desde o primeiro número e garanto que chegaram ao fundo do poço. Vejamos a edição n.º 12, ano 5: a Matéria de Capa, com o filme *A Família Addams*, teve apenas duas páginas de texto; a sobre os prováveis concorrentes ao Oscar 92 virou um desfile de fichas, como na seção Videolançamentos; as entrevistas estão cada vez mais superficiais. Informações técnicas, bastidores de filmagens, detalhes de produção sumiram do mapa. Os críticos da revista se esmeram em resumir enredos de filmes em apenas uma frase ou bancar humoristas. A carreira de Frank Capra virou duas páginas de baboseiras. Entre mortos e feridos, realmente salvou-se a entrevista com Spielberg sobre a Amblimation. Mal posso esperar a próxima mudança de SET.
Fernando Luiz T. de Pinho
(Belo Horizonte — MG)

Entrevista Legal

Achei superlegal a reportagem com Steven Spielberg (n.º 12, ano 5). Sou fã de SET desde o segundo ano, e vocês têm boa mente para captar o que os leitores estão a fim de ler. Sinceramente, gostei de todas as matérias e quero parabenizá-los por tanta eficiência. Mas fiquei indignada com o que certos leitores mal entendidos no assunto escreveram sobre o novo e requintado visual de SET.
Valéria Maria Sampaio Pereira
(Maceió — AL)

A SET arrasou na edição n.º 12, ano 5, com a entrevista com Steven Spielberg. Achei-a superinteressante.
Karina D. Elias
(Barra do Piraí — RJ)

Agilidade em Videolançamentos

Depois das tão polêmicas mudanças em SET (n.º 12, ano 5), a seção Videolançamentos ficou mais ágil e objetiva. Infelizmente, alguns bons filmes, como *O Discreto Charme da Burguesia*, *Amadeus* e *Nouvelle Vague*, foram comentados em poucas linhas.
Sandro Aurélio Silva Brasileiro
(São Sebastião do Paraíso — MG)

Resgate da Memória Cinematográfica

Parece-me que, depois de pesar elogios e desaforos dirigidos à mudança gráfica, SET percebeu que resgatar a memória cinematográfica perdida, sem apelar para saudosismos ingênuos e vazios, é o único meio de mostrar que o cinema é uma arte cujo passado tem de ser conhecido. Fico pensando se o bom texto de José Geraldo Couto sobre o diretor Frank Capra (n.º 12, ano 5) não seria um prenúncio da volta à revista da seção Mito.
James César Magalhães Albuquerque Souto
(Campina Grande — PB)

SET Dá Mais Atenção à Cultura

Confesso que quando li a edição n.º 10, ano 5, estranhei um pouco o novo visual, mas a edição de novembro definitivamente me conquistou, principalmente pelo conteúdo das matérias apresentadas. A revista está dando maior atenção à cultura cinematográfica. Basta ver as matérias sobre Elvis Presley, Walt Disney e Hammer. E também as críticas de Videolançamentos ficaram mais compactas, destacando somente os principais filmes. Achei tudo ótimo.
Alexandre Barros
(Vitória — ES)

Blocos Radicais

Sobre a seção Cartas de SET n.º 12, ano 5, acho que existem muitas cartas artificiais divididas em dois blocos: as que elogiam e as que criticam. O grupo das elogiosas esconde todos os defeitos da revista e cultua-a como um ídolo, de forma desfundamentada e mostra leitores que não conhecem a fundo a sétima arte. Já o das críticas, tenta encontrar defeitos do início ao fim da revista, analisando-a somente sob o seu ponto de vista. Os verdadeiros leitores críticos são aqueles que têm a certeza de que SET não é perfeita e enviam sugestões e críticas construtivas, com o intuito de melhorá-la e fazê-la chegar a um estágio no qual a maioria se sinta satisfeita.
Mideyuki Tsuji
(Niterói — RJ)

Fantástica Demi

Parabenizo-os pela excelente entrevista com a atriz Demi Moore (n. 12, ano 5). Ana Maria Bahiana foi fantástica.
Rosa Angela Sam
(São Paulo — SP)

Agradeço à SET pela incrível entrevista com Demi Moore (n.º 12, ano 5).
Érico Maximiliano G. de Albuquerque
(Jaboatão — PE)

Columbia Tri-Star
Glenn

Encontro com Vênus

Parabenizo SET pela edição n.º 11, ano 5, em especial a Ana Maria Bahiana pela ótima matéria sobre o filme *Encontro com Vênus*, principalmente pelo adjetivo que qualificou Glenn Close e seu desempenho no filme, com o qual classifico a matéria, EXCELENTE. Parabéns!
Ivson Farias
(Recife — PE)

Fã-clube

Fã-clube Exterminador 2. Endereço: rua Otto Pantzier, 49, Blumenau — SC (CEP 89050)

Correio entre os Leitores

Quero contatar pessoas que comprem a revista SET desde seu primeiro número para me enviarem todas as filmografias de diretores publicadas nesta revista. Endereço: rua Sinval Duarte Pereira, 129, Jardim Costa e Silva, Cubatão — SP (CEP 11500)
Anderson Moreira dos Santos

Quero me corresponder com fãs dos atores Harrison Ford, Michael J. Fox e Daryl Hannah. Endereço: travessa Emídio Jordão, 280, Toritama — PE (CEP 55125)
Vanderson Barone Silva

Amo o ator Michael J. Fox e gostaria de trocar fotos de vários outros artistas por outras de Fox. Endereço: rua Matias Aires, 285, apto. 51, São Paulo — SP (CEP 01309)
Thatianna

Quero me corresponder com leitores que curtam filmes como *Meu Marido de Batom, Parceiros da Noite, Meu Querido Companheiro* e queiram trocar fotos de Tom Cruise, Ralph Macchio e Denzie Washington. Endereço: Caixa Postal 54160, São Paulo — SP (CEP 01296)
Marcos Silva

Quero me corresponder com fãs e apreciadores de filmes de vampiros. Endereço: rua Agostinho Barbalho, 327, apto. 101, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21310)
Paulo Sérgio C. da Silva

Troco posters dos filmes *Indiana Jones e a Última Cruzada, Marcas do Destino, Ghost, Operação Nuclear* e *Apocalypse 2* por farto material, inclusive fotográfico, do ator Arnold Schwarzenegger. Endereço: rua Otto Pantzier, 49, Blumenau — SC (CEP 89050)
Marcelo Marcos Busse

Quero me corresponder com pessoas que gostem de filmes de terror e que sejam viciados em Freddy Krueger. Endereço: rua Márcio C. Biscaia, 254, Bloco B 5, ap. 14, Curitiba — PR (CEP 81050)
Airton Ramos

Quero me corresponder com todos os fãs de Freddy Krueger. Endereço: rua Archimedes Vidal, 102, Batatais — SP (CEP 14300)
Daniel Maso

Krueger

Paris Filmes

Gostaria de me corresponder com fãs de Julia Roberts, Johnny Depp e Winona Ryder. Endereço: rua Indígena, 48, ap. 301, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21020)
Germana Claudino Belo

Quero me corresponder com curtidores da atriz Linda Blair. Endereço: rua Boa Vista, 236, Cubatão — SP (CEP 11500)
Rogério Anderson Rodrigues

Se você gosta de vídeo, cinema, adaptações de livros e trilhas sonoras, escreva. Endereço: rua Nogueira Acioli, 100, ap. 207, Ilha do Governador — RJ (CEP 21931)
Viviane Rocha

Linda

Fox

Procuro um fã-clube de Julia Roberts. Endereço: rua Delfim Moreira, 462, Campo Bom — RS (CEP 93700)
Juceli Hack de Oliveira

Quero me corresponder com outros leitores de SET para troca de informações sobre cinema e vídeo. Endereço: rua Pedro Machado, 43, Jandira — SP (CEP 06600)
Sérgio Luiz Cubaquini

Gostaria de me corresponder com admiradores de Arnold Schwarzenegger e até entrar para algum fã-clube. Endereço: rua Latif Mikail, 66, São Miguel Paulista, São Paulo — SP (CEP 08080)
Claudivan R. Oliveira

Troco revistas, posters, recortes e críticas por outros de qualquer filme. Endereço: Quadra 4, Bloco 416, ap. 6, Cohab Lindóia, Pelotas — RS (CEP 96100)
Artur Pinho Vergora

Quero me corresponder com pessoas que gostem dos filmes de Jean-Claude Van Damme. Endereço: av. Diocesana, 28, Mossoró — RN (CEP 59600)
Lúcio Rocha

Como fã de James Bond, e em especial de Roger Moore, gostaria de me corresponder com fanáticos pelo agente secreto mais famoso do cinema. Endereço: rua 22, 155, ap. 12, Setor Oeste, Goiânia — GO (CEP 74320)
Antônio Geraldo Ramos Jubé Filho

Quero me corresponder com fãs do falecido ator Lloyd Nolan. Endereço: av. Marques Leão, 268, ap. 904, Salvador — BA (CEP 40160)
Geraldo Leahy

Cartas para: *Editor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo - SP.* Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

CLUBE SET

Estas são as locadoras que vendem SET com exclusividade. Veja a que está mais perto de você em São Paulo.

- VIDEO FOTO MATRIZ
  Rua Jurubatuba, 1205
- CINDY VIDEO
  Rua Goitacazes, 351
- FREE POINT
  Pça. Pompeia, 15
- VIDEO 2000
  Rua Carijos, 486
- FAMILY VIDEO
  Av. Kennedy, 36
- VIDEO 2
  Rua Continental, 357
- RENT VIDEO
  Av. Kennedy, 700 - 3º piso
- DICK VIDEO
  Rua Antonio de Barros, 1350
- VIDEO COMPANY
  Rua 7 de Setembro, 207 - Guarulhos
- BONA COM. DE FITAS
  Rua Cons. Carrão, 2094
- FOCUS CENTER VIDEO
  Rua Timoteo Penteado, 3951 - Guarulhos
- FRISSON VIDEO
  Rua Bernardino de Campos, 345
- AUDIO VIDEO STAR
  Av. Piraporinha, 1221
- OPUS VIDEO
  Rua Yolanda Suppi Bosqueiro, 116
- VIDEO UM
  Rua São Sebastião, 537
- FLASH GAMES
  Rua Vicente Leoparasse, 999
- SUMARE VIDEO
  Rua Cristovão de Burgos, 60
- ARTE VIDEO
  Rua Pintassilgo, 290
- METAL VIDEO LOCADORA
  Rua Cristovão Pereira, 1540
- VERÃO 42 (loja 1)
  Rua Brig. Gavião Peixoto, 1028
- VERÃO 42 (loja 2)
  Rua Rafael de Barros, 416
- ASSOCIAÇÃO VIDEO CLUBE DO BRASIL
  Rua Aracaju, 243
- AVANTE PREMIER
  Av. Sumare, 1271
- NEW YORK VIDEO
  Rua Gaivota, 744
- TRIGONO COM LOC. DE GAMES
  Rua Angelo Zanque, 521 - Penha
- LA BOMBOLA
  Rua Quantim Barbosa, 337 A
- FIRST SEVEN VIDEO LOCADORA
  Av. Pompeia, 1550
- PREMIER VIDEO
  Rua Heitor Penteado, 405
- PREMIER VIDEO
  Rua Guarara, 585
- OVER VIDEO
  Al. Santos, 463
- VIDEO HITS
  Av. Eusebio Matoso, 758
- A.G. VIDEO
  Rua Guaraiuva, 299
- TELESCREEN
  Rua Gaivota, 1467
- WILLY VIDEO
  Av. Jurucê, 327
- FANTASY HOME VIDEO (loja 1)
  Rua Jose Maria Lisboa, 1008
- FANTASY HOME VIDEO (loja 2)
  Rua Suzana, 139
- VIDEO DESIGN
  Rua Inacio Pereira da Rocha, 279
- ELMI VIDEO LOCADORA
  Al. Jauaperi, 1020 - sl. 2
- DREAM VISION VIDEO LOCADORA
  Av. Cidade Jardim, 702
- CLASSIC DISK VIDEO
  Al. Jauaperi, 1201
- KLAC VIDEO LOCADORA
  Al. Dos Nhambiquaras, 393
- GREEN HOUSE VIDEO
  Al. Maracatins, 114
- GO IN VIDEO
  Rua Cerro Cora, 803 - loja B
- VIDEO FIRE
  Rua Cerro Cora, 1917
- VIDEO CHEGADO
  Rua Nazare Paulista, 219
- POP ART
  Rua Heitor Penteado, 1570
- NIGHT AND DAY VIDEO LOCADORA
  Av. Vieira de Moraes, 1240
- PRO GAMES
  Rua Albion, 65 - 2º andar
- PONTO VIDEO
  Av. João Pedro Cardoso, 601
- POLI VIDEO POSITION
  Rua Michigan, 708
- NEW GAMES
  Al. Jauaperi, 1342
- VIDDEON LOCAÇAO DE VIDEO
  Av. Cotovia, 350
- AQUARELA VIDEO
  Rua Catão, 72
- ALEX VIDEO
  Rua Pio XI, 459
- AQUARI HUM VIDEO
  Rua Schilling, 408

CAPRICHA!
Kim Hunter sendo preparada para seu personagem Zira em *O Planeta dos Macacos*, de 1968

INTELLIGENT MOVIE.

A Primeira Câmera VHS Compacta com Iluminação Automática.

Enquanto a nova câmera G200 Panasonic trabalha, você se diverte. Com o ultra-rápido Auto Focus Digital AI (Artificial Intelligence), e uma iluminação incorporada que funciona automaticamente. E mais: 8X Power Zoom com controle na ponta dos seus dedos. "Intelligent Movie" Panasonic - para dia e noite.

VHS
NV-S200PN

VHS
NV-G200PN

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

À venda na Zona Franca de Manaus.

LOOK VÍDEO
RENOVA SUAS EMOÇÕES

ROBERT DE NIRO

Nas locadoras que têm um toque de vídeo.

SELEÇÃO OFICIAL DE CANNES

Robert De Niro mostra mais uma vez porque é um dos grandes do cinema.

Revista SET

Culpado por Suspeita apresenta o lado sério e inteligente de Hollywood.

Marcos Petrucelli - Folha da Tarde (SP)

CULPADO POR SUSPEITA

Com ANNETTE BENING, a sensual estrela de OS IMORAIS e a participação especial de MARTIN SCORSESE.